

Sonhos Imperialistas: Reflexão sobre a
Cultura e a Mitologia Nazis

Beatriz Alcaide Gomes Peixoto

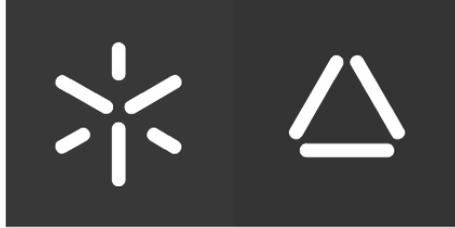


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Alcaide Gomes Peixoto

**Sonhos Imperialistas: Reflexão sobre a Cultura e a
Mitologia Nazis**

Julho 2021



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Alcaide Gomes Peixoto

**Sonhos Imperialistas: Reflexão sobre a
Cultura e a Mitologia Nazis**

Dissertação de Mestrado

Comunicação, Arte e

Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Jean-Martin Rabet

Julho 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição CC

BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Dedicatória. . .

A todos os meus professores da graduação, que foram de fundamental importância na construção da minha vida profissional.

Dedico em especial esta dissertação ao Professor Doutor Jean-Martin Marie Rabot, pela sua paciência, dedicação, conselhos e ensinamentos que foram essenciais para o desenvolvimento da dissertação.

Dedico também este projeto à minha família e amigos que sempre estiveram presentes direta ou indiretamente em todos os momentos da minha formação.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a coragem, determinação e conhecimento prévios para chegar ao término desta etapa da minha vida.

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não teria sido possível a realização da mesma.

Agradeço em especial ao meu Orientador, Professor Doutor Jean-Martin Rabot pela dedicação e atenção que teve comigo durante toda a realização da tese. Sem o seu especial apoio seria impossível a realização desta dissertação.

Um especial agradecimento à professora Maria Adelaide Peixoto (minha tia) que me apoiou durante todo o meu processo de aprendizagem nestes três anos de Mestrado e a quem muito devo da minha educação e formação enquanto estudante universitária.

Um último agradecimento a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram a nível pessoal, que me deram motivação e força para que nunca desistisse de me formar e tornar-me na pessoa que sou hoje.

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta ética da Universidade do Minho.

Statement of Integrity

I hereby declare having conducted this academic work with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of undue use of information or falsification of results along the process leading to its elaboration.

I further declare that i have fully acknowledged the Code of Ethical Conduct of the University of Minho.

Resumo

Este projeto de investigação dedica-se ao estudo aprofundado da mitologia nazi como forma de implementação de uma ideologia capaz de convencer as massas de que o totalitarismo nazi seria uma espécie de salvação para a humanidade. Esta mitologia nazi é como uma descrição da subcorrente quase religiosa do nazismo, combinado com as raízes do ocultismo, as suas origens escondidas nas tradições esotéricas da «ciência marginal», da teosofia e do nacionalismo místico. Os cultos que nasceram no regime como o culto do corpo e do sangue, a supremacia da raça ariana, a ideia de que o homem é capaz de se tornar num ser completo e até omnipresente, o culto pela cruz suástica e o seu simbolismo e o ódio e repressão contra os judeus fazem parte da criação de todo este misticismo que foi implementado na sociedade através de um grande “trunfo” que Hitler pensara e realizara: a propaganda. A propaganda foi um “meio” mais perspicaz de conseguir fazer chegar ao maior número de indivíduos a ideia de que o nazismo era a escolha e o caminho certos para a supremacia da raça ariana e a valorização do Homem como ser humano.

Num estudo mais pormenorizado sobre a propaganda nazi, o cinema irá ser o ponto fulcral deste projeto de investigação como forma de propaganda – o modo como este foi adotado pelo regime, as principais ideias e mitologias inseridas neste meio artístico, as principais obras cinematográficas que relataram e marcaram a história nazi, e as principais personalidades que contribuíram para o crescimento e para a grandeza do regime.

Josef Goebbels foi o principal “criador” da propaganda nazi, não obstante a Hitler, grande aficionado pela arte cinematográfica, impulsionador de grandes obras cinematográficas que vangloriavam o regime e que lançaram para o grande mundo cinematográfico dos anos trinta personalidades como Leni Riefenstahl. Riefenstahl, grande cineasta e atriz alemã, terá um papel importante neste projeto de investigação - toda a sua vida pessoal e profissional será estudada afincadamente como resposta a muitos dos mitos e rituais nazis que ainda hoje despertam curiosidade. Leni Riefenstahl criou grandes obras cinematográfica e em todas essas obras a mitologia nazi está exposta sobre diversos temas, como o culto do sangue, o culto do homem, a raça ariana como uma raça suprema, e tantos outros cultos religiosos que serão analisados para

ajudar a compreender o que realmente foi o regime nazi instaurado por Adolf Hitler.

Abstract

This research project is dedicated to the in-depth study of Nazi mythology as a way of implementing an ideology capable of convincing the masses that Nazi totalitarianism would be a kind of salvation for humanity. This Nazi mythology is like a description of the quasi-religious undercurrent of Nazism, combined with the roots of occultism, its origins hidden in the esoteric traditions of “marginal science”, theosophy and mystical nationalism. The cults that were born in the regime like the cult of body and blood, the supremacy of the Aryan race, the idea that man is capable of becoming a complete and even omnipresent being, the cult for the swastika and its symbolism and the hatred and repression against the Jews are part of the creation of all this mysticism that was implemented in the society through a great “asset” that Hitler had thought and realized: the propaganda. Propaganda was a more perceptive “means” of reaching the largest number of individuals with the idea that Nazism was the right choice and path for the supremacy of the Aryan race and the valorization of man as a human being.

In a more detailed study of Nazi propaganda, cinema will be the focal point of this research project as a form of propaganda - the way it was adopted by the regime, the main ideas and mythologies inserted in this artistic medium, the main cinematographic works that they reported and marked the Nazi history, and the main personalities who contributed to the growth and greatness of the regime.

Josef Goebbels was the main “creator” of Nazi propaganda, despite Hitler, a great fan of cinematographic art, a proponent of great cinematographic works that boasted the regime and who launched personalities like Leni Riefenstahl into the great cinematographic world of the thirties. Riefenstahl, a great German filmmaker and actress, will play an important role in this research project - his entire personal and professional life will be studied diligently in response to many of the Nazi myths and rituals that still arouse curiosity today. Leni Riefenstahl created great cinematographic works and in all these works, Nazi mythology is exposed on several themes, such as the cult of blood, the cult of man, the Aryan race as a supreme race, and many other religious cults that will be analyzed to help understand what the Nazi regime really was for Adolf Hitler.

Índice

1. Introdução	1
2. Uma Alemanha Nazi	5
2.1 Breve História da Alemanha Nazi.....	5
2.2 O Totalitarismo na Alemanha.....	11
3. O Mito e a Ideologia	15
3.1 A Alemanha como um Mito ou como uma Ideologia	15
4. A Religião e a Fé Nazis	21
4.1 Uma Nova Religião	21
4.2 A Origem da Fé Nazi	23
4.3 O Genocídio e a Magia Negra	27
4.4 Elemento Mitológicos Nazis.....	28
5. A Propaganda Nazi	33
5.1 As Massas e os Cultos	33
5.2 A Influência do Mito na Propaganda	36
5.3 O Cinema Mítico	39
5.4 O Cinema Mítico de Leni Riefenstahl	43
5.5 Olympia e o Triunfo da Vontade	47
5.5.1 Olympia (1938).....	48
5.5.2 O Triunfo da Vontade (1935).....	50
6. Conclusão	55
Anexos	57

Bibliografia	59
---------------------------	-----------

1. Introdução

Este projeto de investigação dedica-se à temática do fenómeno nazi como forma de implementação de uma ideologia capaz de convencer as massas de que o partido nazi seria uma espécie de salvação para a humanidade. Considerado com um episódio insólito e trágico na história do mundo, o fenómeno nazi provocou efeitos devastadores que se foram repercutindo ao longo dos anos. Os perigosos princípios ocultos do autoritarismo transformaram-se numa força política mundial, com o objetivo de transformar radicalmente o mundo humano. Tornou-se numa revolução radical que pretendia remodelar toda uma civilização futura à sua imagem destorcida por parte dos nazis.

Mesmo que a designação de militarismo prussiano aplicada ao nazismo fosse correta, este possuía também uma dimensão mais lata, extremamente importante, o messianismo elitista baseado na raça, um messianismo totalmente dissemelhante perante os outros considerados normais perante a sociedade, o cristianismo e o islamismo, até porque o messianismo é, originalmente um fenómeno religioso.

As crenças nazis partiram de uma visão mágica do mundo apiada por fanáticos ligados ao ocultismo. Os crimes nazis só podem ser encarados como obsessões loucas, apesar de certas crenças ocultas serem bem determinadas com contornos claramente definidos. O nazismo não era apenas uma doutrina política, mas sim uma tentativa mágica determinada para alterar a visão do mundo e o mundo a partir desta visão. A supremacia racial não era apenas o objetivo final dos nazis, mas sim a criação de um novo homem com superpoderes psíquicos e físicos, uma mutação biológica capaz de o conduzir a um nível de existência superior aos demais. O super-homem impulsionaria as fronteiras de uma nova civilização fomentada por uma tecnologia mágica com várias ordens de sofisticação. Este transcenderia a uma condição humana com poderes ilimitados sobre o universo e que ganharia a imortalidade tornando-se num deus. Antes de este novo super-homem aparecer, o ocultismo nazi fomentava à limpeza da sub-humanidade, constituída pelas raças que estes consideravam como inferiores, principalmente a raça judaica. As raízes do ocultismo nazi provêm das origens escondidas de tradições esotéricas da ciência marginal, da teosofia e no nacionalismo místico. Os vários ocultistas nazis nutriam um profundo interesse em manuscritos

obscuros, arquivos da antiguidade que acreditavam ser possível ajuda-los a criar uma Nova Ordem. Os nazis ressuscitaram a erudição ocultista que controlava o físico das nações por meios de antigas pseudociências como a geomancia, a rbdomancia, o magnetismo, a astrologia, a meditação oculta e a cosmologia alternativa. Toda uma aquisição de conhecimentos utilizados única e exclusivamente para o mal, para a morte, para a escravidão e para a destruição.

Esta mitologia nazi é como uma descrição da subcorrente quase religiosa do nazismo; combinado com as raízes do ocultismo, as suas origens escondidas nas tradições esotéricas da «ciência marginal», da teosofia e do nacionalismo místico. Os cultos que nasceram no regime como o culto do corpo e do sangue, a supremacia da raça ariana, a ideia de que o homem é capaz de se tornar num ser completo e até omnipresente, o culto pela cruz suástica e o seu simbolismo e o ódio e repressão contra os judeus fazem parte da criação de todo este misticismo que foi implementado na sociedade através de um grande “trunfo” que Hitler pensara e realizara: a propaganda. A propaganda foi um “meio” mais perspicaz de conseguir fazer chegar ao maior número de indivíduos a ideia de que o nazismo era a escolha e o caminho certos para a supremacia da raça ariana e a valorização do homem como ser humano.

Num estudo mais pormenorizado sobre a propaganda nazi, o cinema irá ser o ponto fulcral deste projeto de investigação como forma de propaganda – o modo como este foi adotado pelo regime, as principais ideias e mitologias inseridas neste meio artístico, as principais obras cinematográficas que relataram e marcaram a história nazi, e as principais personalidades que contribuíram para o crescimento e para a grandeza do regime.

Esclarecer e procurar uma resposta a todos os acontecimentos durante os anos que Hitler esteve sobre o poder da Alemanha é sobretudo essencial para que questões que ainda hoje são feitas pela humanidade sejam minimamente, não verdadeiramente respondidas, mas estudadas mais aprofundadamente para tentar compreender o lado sombrio de todo este período, tentar descobrir ou encontrar certas “qualidades”/metodologias deste regime que terão sido usadas como prática no pós Segunda Guerra Mundial, para contributo do surgimento dos novos partidos políticos e suas ideologias e também a análise de tudo o que correu mal e que serviu para que as gerações futuras não cometessem nem pensassem em construir tais ideologias.

Trata-se antes de mais de analisar e compreender a mitologia nazi como uma mitologia própria, de fundamentar os métodos hitlerianos que levaram o nazismo a ser questionado como uma mitologia e como foram implementados na sociedade de forma discreta. Trata-se ainda de refletir sobre o que o nazismo trouxe ao mundo e como este foi encarado após a queda do regime.

Esta dissertação reside numa pesquisa documental de livros e filmes baseados no regime Nazi. Tem como instrumentos de investigação livros de índole biográfica, histórica e filosófica, de diferentes autores como Jean Pierre Sironneau, Hannah Arendt, Nora Levin, entre outros autores destacados na área da sociologia, filosofia, história, etc.

A juntar-se ao conjunto das várias obras bibliográficas, o estudo de várias revistas de cariz histórico com os mais diversos artigos apenas dedicados ao regime nazi. Outro instrumento importante a ser estudado neste projeto de investigação é o cinema e teve o papel mais importante no estudo do regime Nazi e todo o seu misticismo envolvente através da análise de vários conteúdos cinematográficos, dando principal interesse às obras cinematográficas realizadas por Leni Riefenstahl, a principal cineasta do regime que mantinha um forte relacionamento com Adolf Hitler.

É projeto de investigação de metodologia teórica qualitativa baseada na análise do conteúdo dos filmes produzidos e sobretudo a análise do pensamento ideológico que caracteriza este regime, como e o porquê de ter surgido, quais os principais métodos para que este tivesse sido implementado e de como se manteve firme durante a década de trinta e início da década de quarenta do século XX, quais os principais motivos que levaram Leni Riefenstahl e outros dirigentes nazis a seguirem esta ideologia e como foram “convencidos” de que este era o caminho para uma possível salvação da raça aariana e superioridade da mesma. Um projeto que exige bastante estudo de várias fontes bibliográficas, pois é um tema que ainda hoje é alterado em certos conteúdos históricos, sendo que ainda existem certas discordâncias em relação aos factos e acontecimentos. É um projeto de investigação com estudo minucioso focado principalmente na mitologia nazi mas que é sobretudo um estudo não pela trivialidade bibliográfica mas por um método mais abrangente como o cinema que foca determinados aspetos que os livros são incapazes de mostrar como gestos e vozes discursivas que alteraram toda uma forma de fazer chegar às massas a palavra de Hitler e sobretudo a palavra nazi. Obras como *Triumph des Willens* de 1934 e *Olympia* de 1938,

serão estudadas para complementar o estudo da mitologia nazi, como esta é representada nas obras cinematográficas e como é capaz de conseguir manipular o ser humano. Trata-se de um projeto baseado na análise e compreensão da manipulação das massas com a criação de uma mitologia diferente das mitologias até então conhecidas.

2. Uma Alemanha Nazi

2.1 Breve História da Alemanha Nazi

Em 1918, o império alemão era um mosaico de pequenos territórios. Após a derrota da Primeira Guerra Mundial, o imperador Guilherme II abdicou do seu reino, e imediatamente surgiram revoltas por todo o país. De um lado os trabalhadores lutavam pela criação de um país comunista, pelo outro os veteranos de guerra combatiam para impedir que tal feito acontecesse.

É no meio de todos estes conflitos que surge o Partido Nazi, fundado em 1919 por um serralheiro bávaro que deu o nome ao Partido como Partido dos Trabalhadores Alemães ao qual se juntaria mais tarde o novo membro número 555 de seu nome Adolf Hitler.

Hitler cedo se destacou entre os membros do partido pela sua surpreendente eloquência e pela forma como expressava o sentimento geral, utilizando uma linguagem simples e uma paixão contagiante. Tal como muitos outros alemães, Hitler odiava os socialistas, comunistas e judeus, encontrando no partido uma forma alequeada para expressar esse ódio. Cada vez mais gente começou a afluir aos discursos de Hitler sobre a traição dos judeus, a necessidade da libertação da Alemanha do Tratado de Versalhes¹ e o projeto de uma Alemanha reconstruída.

Cada vez mais Hitler ganhava força entre os seus seguidores, sentindo a necessidade de criar a primeira campanha do partido, a qual foi um êxito, contando com mais de 2000 ativistas. É então que Hitler propôs a mudança do nome do Partido para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Foi nesta campanha que surgiram também as SA (secção de assalto) consideradas como o corpo de guardacostas do partido. Possuindo um programa de vinte e cinco pontos, Hitler figurava a exigência de uma união alemã, segundo os parâmetros de uma Grande Alemanha, a reivindicação de reformas na agricultura, no sistema de empréstimos, a nacionalização de monopólios, a discriminação dos judeus a pretexto da pureza «rácica» alemã a ser preservada.

¹ **Tratado de Versalhes**, assinado a 28 de junho de 1919, estabeleceu a nova organização territorial nas regiões cujos habitantes tinham perdido a guerra. Foi exigido um grande montante à Alemanha, uma quantia que teve de ser renegociada perante a incapacidade dos alemães de cumprirem esse pagamento, tendo a quantia sido paga tanto monetariamente como a cedência territorial do Ruhr aos franceses e aos belgas. (*Entre Guerras 1919-1939: Duas Décadas Prodigiosas*, História nº 51, novembro 2019, p.26)

Em meados de 1921, Hitler assumiu o cargo de presidente do partido e exigiu o controlo total de todas as decisões, o que lhe foi concedido por uma maioria esmagadora dos militantes do partido. O NSDAP passou, assim, a ser dirigido apenas um único líder obstinado. Uma das primeiras decisões de Hitler foi que as SA se organizassem como um corpo profissional e nomeou o piloto Hermann Göring² para dirigir os “camisas castanhas”.

Em 1923, o exército francês entrou nas áreas industriais em Ruhr e assumiu o controlo de todas as fábricas. Como a Alemanha se tinha comprometido a pagar as indemnizações de guerra no Tratado de Versalhes, esta indemnização era paga em dinheiro e em espécie. Afim desta ocupação, mais de três milhões de alemães passaram a depender da autoridade militar francesa. Os habitantes descontentes com a situação iniciaram protestos passivos, através de greves e interromperam os trabalhos nas minas. Isto levou a que houvesse um decréscimo nas matérias primas e ao consequente aumento dos preços o que fez com que a Alemanha sofresse uma inflação exorbitante, considerada a mais trágica de todos os tempos a nível mundial. Com toda esta situação, formaram-se novas revoltas comunistas, e por sua vez os veteranos de guerra, que se sentiram humilhados pela ocupação do Ruhr pelas tropas francesas, aderiram em massa ao partido Nazi. Em setembro de 1923, ao verificar que a Alemanha se encontraria cada vez mais enfraquecida, Hitler decidiu tomar o seu país através da força e da violência, apoiado pelas SA e contando com a cumplicidades de vários oficiais do exército.

Em primeiro, pretendiam proclamar uma nova república submetida à autoridade nazi em Munique, depois os camisas castanhas entrariam em Berlim exigindo que Hitler fosse nomeado chanceler da Alemanha. Foi então que no dia 8 de novembro de 1923 os nazis iniciaram o caos em Munique causando, segundo dizem eles, uma “Revolução Nacionalista”. No dia seguinte 2000 nazis marcharam até ao ministério de Guerra de Munique entoando cânticos bélicos. Porém, este golpe saiu fracassado, tendo resultado na perseguição de Adolf Hitler, o que resultou numa condenação de 5 anos de prisão no dia 1 de abril de 1924.

Apesar da sentença de 5 anos de prisão a que Hitler teria sido condenado, o seu

² **Hermann Göring**, piloto e herói da Primeira Guerra Mundial; aderiu ao partido nazi em 1922; a sua inteligência era admirada pelo líder do Partido Nazi Adolf Hitler que lhe confiou a tarefa de criar as SA. Após o atentado de Munique teve de fugir da Alemanha. Posteriormente, tornou-se presidente do *Reichstag*, primeiro ministro da Prússia e responsável máximo pela *Luftwaffe*. (A ascensão do Terceiro Reich, Extra nº 7, Julho 2019, p.9)

tempo atrás das grades foi bastante curto. Até mesmo pelos guardas da prisão Hitler era idolatrado pelos seus discursos eloquentes e tinha um tratamento especial diferente dos demais. Hitler podia receber amigos e membros do partido que lhe levavam presentes para tornar a sua vida mais fácil. Foram apenas nove meses de prisão que serviram de tempo suficiente para que Hitler refletisse sobre o seu futuro e que ajudaram a que ele se convencesse de que se iria tornar no próximo Führer da Alemanha. Hitler queria criar um grande terceiro império habitado por arianos e sendo ele o líder (Führer).

Contudo, quando Hitler saiu em liberdade encontrara uma Alemanha totalmente diferente daquela que teria deixado para trás. Uma Alemanha apoiada financeiramente pelos Estados Unidos, que permitiu às famílias estabilizarem-se economicamente e onde as cidades floresciam principalmente a nível cultural. O partido nazi tinha perdido militantes, estava proibido de participar nas eleições de estado e Hitler estaria também proibido de falar nas concentrações públicas. Foi nesse momento que Hitler decidiu refugiar-se no seu pequeno apartamento em Munique e deu então início à primeira parte da sua obra *Mein Kampf*, idealizando um plano para reconstruir o futuro do partido nazi. Apesar de Hitler ter concebido a criação de golpes militares para chegar ao poder, este reformulou a sua forma de pensar e, portanto, queria chegar ao poder de forma legítima, utilizando assim as mesmas armas que os seus opositores. E é então que a 16 de fevereiro de 1925 que o partido nazi e o seu órgão oficial recuperaram a legalidade permitindo 11 dias depois que Hitler pudesse discursar num comício de massas. Porém, a sua retórica agressiva de discursar levou a que Hitler fosse novamente proibido de discursar em publico durante dois anos.

Temporariamente silenciado durante esses dois anos, Hitler concentrou-se em reunir esforços para reconstruir o partido nazi. O seu objetivo era criar uma organização com um único líder (ele próprio) e milhares de pequenos ramos dispersados por toda a Alemanha. Um desses “ramos” que Hitler conseguiu foi o jovem Gregor Strasser que ficou encarregado de organizar o partido na área de Berlim. Com a sua sabedoria Strasser fundou o jornal *Berliner Arbeiterzeitung* e contratou Joseph Paul Goebbels³, o grande “mestre” da propaganda, capaz de seduzir as massas.

³ **Joseph Goebbels**, político alemão nomeado Ministro da Propaganda na Alemanha Nazi, conhecido pela sua capacidade oratória e pelo seu profundo fanatismo antissemita. https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels

Hitler também reorganizou as SA, transformando-as num grupo armado e militarmente disciplinado para proteger as concentrações nazis. Milhares de jovens e veteranos de guerra quiseram unir-se as SA e entre eles, os mais fortes e promissores foram eleitos para formar uma guarda pessoal de Hitler, que ficou conhecido por as SS.

Com o crash de Nova Iorque em 1929, formou-se um ponto de viragem numa Alemanha que acabara por sofrer também ela uma quebra económica, pois com a situação do crash os empréstimos americanos acabaram de repente o que provocou uma grave crise económica na Alemanha, o aumento do desemprego e a fome. Face a esta queda abrupta da Alemanha Hitler ganha forças para se fazer ouvir e é então que em 1930 reforça o seu discurso, prometendo aos eleitores tornar a Alemanha num país poderoso, convencendo os eleitores de que a Alemanha não iria pagar o que devia aos Estados Unidos, repudiou o Tratado de Versalhes de 1919, prometeu que acabaria com a corrupção, com os ricos capitalistas e que acabaria com os judeus avaros. Aos desempregados prometeu pão e trabalho, seduziu os eleitores nacionalistas com a promessa de reconstruir um exército forte e orgulhoso do seu país, exigindo a devolução dos territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial. Com todos estes seus argumentos, a classe média deixou-se convencer pelos seus discursos e até mesmo os empresários, a classe alta, a nobreza prussiana e os militares que mostraram vontade de se juntar ao Partido Nazi.

Hitler concentrou-se nos grupos que poderiam vir a ser uteis no futuro, como o exército e a grande indústria alemã, dedicou-se então, a percorrer o país reunindo-se com grandes homens de negócios capazes de o financiar. Em 1932, um Ministro do Interior de Brunswick atribuiu a Hitler um cargo administrativo para que este pudesse obter a nacionalidade alemã, pois só tendo a cidadania alemã é que poderia candidatar-se às eleições. Hitler contou com a ajuda de Goebbels e Strasser que dirigiam uma grande campanha eleitoral. Distribuíram pelas cidades e aldeias milhares de cartazes e produziram milhões de exemplares de jornais.

Apesar de todo o esforço, Hindenburg volta a ser reeleito pelos alemães e imediatamente após a sua eleição, Hindenburg ilegalizou as SA e as SS. Hitler reúne-se então com o presidente pedindo-lhe que levantasse a proibição das forças militares, prometendo a paz nas ruas de Berlim, mas o mais importante para Hitler era que o presidente dissolvesse o Reichstag e convocasse eleições gerais. Nessas eleições os nazis

venceriam com maioria, o que obrigou a que Hindenburg nomeasse Hitler como chanceler.

A votação foi marcada para 23 de março. Antes de votar, o líder socialista da Alemanha Otto Wels pronunciou-se com firmeza contra a lei que se votava e contra Hitler. Depois chegou a vez de Hitler. Nesse mesmo dia, o chanceler tinha ameaçado com um banho de sangue se a “Lei de Habilitação” não fosse aprovada, e os membros do *Reichstag* foram avisados de que se decidia entre a guerra e a paz. As ameaças funcionaram, e assim Hitler conseguiu o poder absoluto.

A acumulação do poder de Hitler não afetou apenas o sistema político. Os nazis começaram a ocupar os postos chave em todo o país, e todos os outros grupos e associações foram dissolvidos e submetidos a um estrito controlo. A “nazificação” da sociedade cumpria diversos objetivos: tornava-se mais difícil para os cidadãos rebeldes unir-se e combater o regime e facilitava a tarefa de doutrinar as pessoas. No final de 1933, toda a Alemanha estava nas mãos dos nazis.

A princípio, Hitler foi muito prudente e teve um extremo cuidado em apresentar-se como um líder normal. O período compreendido entre o ano da consagração do poder de Hitler e o início da Segunda Guerra Mundial caracterizou-se por uma fase de crescimento económico e pela diminuição do desemprego, o que favoreceu o reforço do poder nacional-socialista e o consenso relativamente amplo face ao regime. Todos os domínios da vida civil eram submetidos a uma organização partidária. O serviço militar passou a ser obrigatório e foi organizado um novo juramento a Hitler, os soldados tinham de jurar “lealdade incondicional ao Führer do Reich e do Povo Alemão, Adolf Hitler” (Hawes, 2019, p.224).

Embora a perseguição fosse menor, reforçaram neste período o número de efetivos e a sua organização, prosseguindo a criação de campos de concentração *Dachau*⁴ (1933), *Sachsenburg*⁵ (1933) *Sachsenhausen*⁶ (1936), *Buchenwald*⁷ (1937),

⁴ **Dachau**, primeiro campo de concentração alemão situado numa pequena cidade perto de Munique. Esteve em funcionamento até ao final de abril de 1945.

⁵ **Sachsenburg**, foi o primeiro campo de concentração em que usaram pequenos triângulos de pano para identificar os prisioneiros: vermelho para os presos políticos, rosa para os homossexuais, amarelo para os judeus...

⁶ **Sachsenhausen**, funcionava como campo de treino para guardas que depois eram enviados para outros campos. Acolheu prisioneiros políticos que eram obrigados a limpar as ruas de Berlim após os bombardeamentos dos aliados.

⁷ **Buchenwald**, apesar do seu idílico nome (bosque de faias), foi um dos campos mais duros da Alemanha nazi. Milhares de judeus, ciganos, prisioneiros de guerra e homossexuais ali trabalharam até à morte, como parte do plano de extermínio nazi.

*Flossenbürg, Mauthausen e Neuengamme*⁸ (1938), *Ravensbrück*⁹ e *Stutthof* (1939), *Auschwitz I* e *Groß-Rosen* (1940), *Natzweiler-Struthof*, *Lublin-Majdanek*, *Auschwitz II-Birkenau* (1941), *Auschwitz III-Monowitz* (1942), *Herzogenbusch-Vught*, *Riga*, *Bergen-Belsen*, *Dora-Mittelbau*, *Kauen*, *Vaivara* e *Klooga* (1943), *Cracóvia-Plaszow* (1944) e de campos de extermínio, os *Vernichtungslager* (*Kulmhof/Chelmno* (1941), *Auschwitz-Birkenau*, *Belzec*, *Sobibor*, *Treblinka* e *Lublin-Majdanek*, a partir de (1942).

Em 1938, uma nova vaga de terror abatia-se sobre os judeus, com o pogrom de novembro, organizado e encenado por Goebbels. Numa fúria incontida e «espontânea» e perante a estupefação e a impotência da população, grupos a soldo dos nazis destroem montras e lojas de membros da comunidade judaica, incendiam sinagogas, matando 9 pessoas e ferindo e violando muitas outras. No mês de dezembro do mesmo ano, iniciaram-se as perseguições a ciganos, que se tornaram mais intensas com o início da guerra, com esterilizações e deportações para campos de concentração.

Tal situação deve-se à constante preocupação do poder em manter a população afastada de situações de carência que possam ocasionar uma nova sublevação como sucedera em 1918. O fornecimento de matérias-primas e de bens alimentares será assim uma preocupação sempre presente, resolvida ou através de políticas de aliança - mais ou menos naturais, como sucede com as transações com a Itália, Hungria e outros países balcânicos - ou de conveniência: durante o ano de 1941, a União Soviética continuará a abastecer a Alemanha com produtos essenciais para a sobrevivência do país.

Já em 1939, o Ministerrat für Reichverteidigung passava a centralizar os esforços bélicos, ao que se sucederia o crescente poder do Ministro do Armamento Speer que, depois de ter elaborado os planos megalómanos da Berlim de Hitler, punha a sua capacidade de organização ao serviço dos desígnios expansionistas nazis.

As SS controlam o aparelho policial, os julgamentos sumários sucedem-se, as medidas repressivas sobre os judeus acentuam-se, iniciando-se e reforçando-se a política de extradição e aniquilamento. O sistema repressivo zela e pune severamente os suspeitos de ouvir as notícias do campo oposto, designadamente a célebre

⁸ **Neuengamme**, situado perto da cidade de Hamburgo caracterizou-se pela sua brutal violência. Cerca de 50 mil prisioneiros trabalharam até à morte ou morreram à fome.

⁹ **Ravensbrück**, um dos poucos campos destinados principalmente a mulheres. Durante a guerra por ali passaram 110 mil presos, dos quais apenas 40 mil sobreviveram.

propaganda antinazi da BBC.

A partir de então a guerra desenrola-se em diversas frentes, sucedem-se as vitórias alemãs em múltiplas batalhas, a consagração do sonho de hegemonia nazi parece iminente. Os últimos anos de guerra parecem fazer prenunciar o seu desfecho: embora inúmeras revoltas comunistas tivessem sido violentamente reprimidas também nos campos de concentração a sublevação se torna possível. Apesar da dificuldade em obter resultados eficazes devido ao policiamento, censura e repressão brutais, a resistência organiza-se sobretudo no exílio a nível nacional e internacional. A 27 do mesmo mês Auschwitz é libertada pelo Exército Vermelho que depara aí com cerca de 5000 prisioneiros doentes que não tinham sido «evacuados» depois de Himmler ter dado ordens para que os vestígios do campo de extermínio fossem destruídos.

A historiografia discute acerca do carácter premeditado deste ato criminoso, designadamente acerca da responsabilidade de Hitler ou da população alemã, enquanto coletivo - maioria silenciosa que ignoraria os excessos mas testemunhou todas as sevícias e humilhações públicas, desde as interdições anteriormente assinaladas, ao uso de uma estrela como símbolo de uma «raça» inferior que passou a corporizar tudo aquilo que alimentava os receios e as frustrações de um povo a braços com uma difícil identidade nacional.

2.2 O Totalitarismo na Alemanha

Os movimentos totalitários em geral são facilmente substituídos. Os regimes totalitários e os seus líderes enquanto se encontram no poder sustentam-se sobretudo no apoio das massas. Tais movimentos objetivam e organizam as massas. Os movimentos totalitários diferem-se dos movimentos políticos, pois os movimentos políticos necessitam do apoio de uma força numérica, enquanto que os movimentos totalitários defendem da força bruta, ou seja, é precedida a instauração tão franca quanto mentirosa e os seus governantes iniciam as suas carreiras vangloriando-se dos seus crimes passados e planeando cuidadosamente dos seus crimes futuros. Pode-se considerar que um regime totalitário é um regime de ditadura (muito presente no século XX em vários países Europeus).

Após as grandes conquistas do Leste Europeu é que a Alemanha conseguiu estabelecer um regime verdadeiramente totalitário. Claro que, o regime totalitário só

foi possível ser instaurado devido à existência de grandes massas supérfluas podendo estas serem sacrificadas sem o risco de ocorrer um despovoamento - onde quer que existam massas é possível criar um regime totalitário. Os movimentos totalitários dependem das condições das condições específicas de uma massa atomizada e individualizada, concluindo que “os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados” (Arendt, 1979, p.444).

Os movimentos totalitários diferenciam-se dos outros partidos pela sua exigência de lealdade total de cada elemento individual, que é feito pelos líderes desses mesmos movimentos totalitários. É importante mencionar que os partidos totalitários não são formados pelos movimentos totalitários, só depois de o partido estar no poder é que o movimento totalitário se vai formando quando o partido possui todas as condições necessárias para o seu crescimento, e essas mesmas condições devem “ser artificialmente criadas de modo a possibilitar a lealdade total que é a base psicológica do domínio total” (Arendt, 1979, p.444). Esta mesma lealdade só é possível formar-se em seres humanos providos de isolamento total, ou seja, que não tenham laços sociais que possam alterar o seu pensamento, o indivíduo deve apenas adquirir o sentido de ter um lugar neste mundo quando participa num movimento pertencente ao partido. Essa lealdade só é possível quando “a fidelidade é esvaziada de todo o seu conteúdo concreto, que poderia dar azo a mudanças de opinião” (Arendt, 1979, p.445). Um movimento para ser totalitário é necessário que inclua a ideia do domínio mundial, deve referir-se a questões ideológicas que têm de ser consideradas como importantes durante séculos.

No caso da Alemanha, a grande realização de Hitler ao formar o seu movimento que foi contruindo a partir de um pequeno partido nacionalista é o facto de ter permitido o antigo movimento do programa do partido por recusar-se a mencioná-lo/discutir os seus pontos. O líder totalitário é uma espécie de “funcionário” das massas, ou seja, pode ser substituído a qualquer momento se esse for os desejos das massas. Contudo, as massas não têm qualquer significado ou representação externa sem o próprio líder e Hitler tinha noção dessa relação de interdependência:

*“Tudo o que vocês são, são-no através de mim. Tudo o que eu sou,
sou somente através de vocês.”*

Adolf Hitler (Arendt, 1979, p.446)

A ideia de domínio do nacional-socialismo é realizada por um movimento totalitário constantemente acionado. Esta ideia de domínio é algo que nenhum Estado ou mecanismo de violência é capaz de ter. A tomada de poder recorrendo ao uso da violência é sempre um meio para atingir um fim, e a tomada de poder em qualquer país é considerada como uma etapa transitória e não o objetivo de um movimento. O objetivo desse movimento é moldar à sua estrutura o maior número de indivíduos possível mantendo-os em ação.

3. O Mito e a Ideologia

3.1 A Alemanha como um Mito ou uma Ideologia?

O nazismo tomou da tradição alemã, da qual se apropriava, alguns elementos simbólicos, entre os quais alguns de carácter mitológico. O nazismo exaltou de um modo nostálgico a tradição histórico-cultural germânica. Possui a sua especificidade, isto é, pode ser considerado como um mito na forma como se constitui na dimensão, na função e na segurança mítica. É necessário desvalorizar os mitos do nazismo e estudá-lo como uma ideologia usando a sociologia, o marxismo e a semiologia para desestruturar tais ideais míticos que os nazis estruturaram. Como tal é fundamental focarmo-nos em Hannah Arendt na sua obra: *Origens do Totalitarismo*.

O que realmente interessa é a ideologia nazi enquanto uma forma de haver uma explicação política/histórica do mundo a partir de um único conceito – a raça, as classes e a “humanidade total”. Esta conceção do mundo exige uma conceção total, ou seja, uma explicação indiscutível sem efeito e sem falha contrariamente aos pensamentos da filosofia. É necessário mostrar rigorosamente as relações que a ideologia mantém, assim concebidas como tal liberdade de expressão.

Um dos essenciais elementos do fascismo é a emoção, das massas, coletiva, uma emoção revolucionária que é sempre combinada com conceitos reacionários que se associam entre eles numa emoção revolucionária, resultando daí a mentalidade fascista.

O nazismo é um fenómeno especificamente alemão, contudo, não se deve concluir que seja um património exclusivamente dos alemães. É verdade que havia um problema alemão e a ideologia nazi foi uma forma de resposta para a resolução desse problema, o que se justifica que o pensamento alemão não seria de todo errado ou estranho para essa mesma ideologia.

No campo da história alemã surge a contradição: por um lado cabe-nos a nós limpar todos os recursos específicos de uma figura pertencente à história alemã, por outro lado a nossa intenção afasta-se de querer presentear essa história como um efeito de um determinismo, seja este concebido sob o efeito de destino ou de uma causalidade mecânica – esta visão das coisas pertence ao “mito”.

Como se formou a ideologia nazi? Segundo Hannah Arendt, as ideologias do século XIX e o racismo, inicialmente, não eram as mais totalitárias, porém os princípios

pelos quais se baseavam (luta das raças, das classes e tomada de poderes políticos) tornaram-se mais importantes que outras ideologias.

Porque é que o racismo é a ideologia do totalitarismo alemão?

O mito para a Alemanha pode surgir como um problema de identificação? Apoiando-nos na decisão platónica sobre os mitos entende-se que os mitos são como ficções e essas ficções contam sobre o divino, mentiras e sacrilégios. O seu papel na educação tradicional induz a más atitudes ou a maus comportamentos éticos e políticos. Para Platão, os mitos são socialmente nefastos. Este ficcionamento dos mitos propõe ou impõe modelos ou tipos de imitação dos quais um indivíduo, uma cidade ou um povo pode compreender-se a si mesmo e identificar-se.

O problema que levanta o mito é o mimetismo, ou seja, a imitação, e o problema da Alemanha é sofrer dessa imitação (já em segundo grau), isto é, o ser obrigada a imitar o Antigo de outros países como França ou Itália. A Alemanha não está só privada de identidade como também faltam os seus meios de identificação. O que falta então à Alemanha é o seu próprio sujeito, um dos seus principais objetivos. O que dominou a história alemã foi a implacável lógica do *double blind*, isto é, a apropriação de um meio de identificação que simultaneamente deve e não deve passar pela imitação dos antigos.

O que poderia ser imitado dos antigos para diferenciar os alemães?! Foi então que descobriram os dois tipos de Grécias: uma “Grécia de moderação e clareza, da teoria e da arte, da “forma bela”, do rigor viril e heroico, da lei, da cidade, do dia” e uma “Grécia oculta, noturna, sombria que é a Grécia arcaica e selvagem que é dos rituais unanimistas, dos sacrifícios sangrentos e da embriaguez coletiva, do culto dos mortos e da terra mãe – um Grécia mística, sobre a qual a primeira foi construída com dificuldade” (Labarthe, 2011, p.33).

Entre essas duas Grécias, a Alemanha tentou arranjar uma espécie de intermédio o que permitiu promover um novo modelo histórico, mas ao mesmo tempo autorizou uma identificação da Alemanha com a Grécia, mas a identificação apenas deve passar pelo retorno a mitos antigos e nunca a associar a uma Grécia mística. É certo que a Grécia mística proporcionou em geral a ideia de fazer funcionar a identificação, a força identificatória, por isso a tradição alemã integra a teoria grega e clássica da identificação, a *mimesis*. Isto não significa que o modelo a imitar provenha da diferenciação mística, mas sim da imagem cénica da tragédia grega e o uso da repetição

da tragédia grega, do teatro e do drama musical é umas das formas mais capazes de iniciar o processo de identificação. Isto torna-se num objetivo político para a Alemanha – a unificação através do teatro cerimonial do povo alemão. Podemos concluir que não representou apenas uma “estetização política”, mas uma fusão da política com a arte – a produção da política como uma obra de arte.

“O mito nazi segundo Syberg é a construção, a formação e a produção do povo alemão em, por e como uma obra de arte.”

(Labarthe, 2011, p.37)

A construção do mito nazi é precedida desde o século XIX como uma construção do mito ariano. A característica principal no nazismo é a sua ideia de ter proposto um próprio movimento, uma própria ideologia que é sustentada por tudo o que lhe parece ser conveniente sem objeções ou questionamentos. Uma das obras mais importantes para o estudo do mito nazi e para compreender toda a sua ideologia é a obra *Mith of the 20 Century* de Alfred Rosenberg.

Segundo Alfred Rosenberg, o mito não é a formação específica na qual designamos com essa palavra, a partir de uma determinada história simbólica, ou seja, as realidades míticas pertencem à era mitológica, de uma “simbolização despreocupada da natureza”. (Labarthe, 2011, p.39). “O mito é o poder da unificação das forças e direções fundamentais de um individuo e um povo, o poder de uma entidade subterrânea, invisível e não empírica. O mito designa a identidade como a sua própria diferença e sua afirmação” (Labarthe, 2011, p.40).

O poder mítico é construído a partir do sonho, da projeção de uma imagem com o qual o individuo se identifica, ou seja, é o sonho que identifica o individuo. Torna-se numa forma de crença total, numa adesão imediata à figura do sonho para que essa figura seja apresentada.

Para Rosenberg, “a liberdade da alma é a Gestalt” (Labarthe, 2011, p.37); “a Gestalt está sempre plasticamente limitada...” (Labarthe, 2011, p.41), ou seja, tem de ter uma forma, ser diferente. Esta diferenciação é condicionada pela raça, isto é, a raça é a identidade de uma potência de formação – concluímos que a raça é portadora do mito, é uma alma genial, é o princípio e o lugar de uma potencia mítica. Dentro dessa mesma raça existe um tipo com uma identidade singular absoluta e concreta, e é esse mesmo “tipo” que Hitler defende, que se deve destacar entre os demais e que deve

apenas relacionar-se com indivíduos da mesma raça dele.

É neste momento que distinguimos que o judeu passa a não pertencer a esse tipo idealizado pelos nazis. O judeu não é apenas uma raça má, mas sim um tipo defeituoso, bastardo por excelência. Para Hitler, o judeu não tem cultura própria, nem sequer uma religião própria, porque o monoteísmo é anterior aos judeus. O judeu não tem forma ou alma, não tem forma ou figura da raça, ou seja, é disforme. É o homem que pertence ao universo abstrato, não possui uma identidade singular e concreta, é a contradição do alemão, segundo Rosenberg, é a própria ausência de tipo, um parasita.

É necessário despertar a potência do mito frente às outras religiões, portanto, para tal acontecer é necessário despertar a potência da raça, do povo que se caracteriza como uma força produtora formadora do mito e para tal é necessária a experiência mítica o que quer dizer que o mito não se torna verdadeiro se não for vivido – ato de fé.

O mito manifesta-se com toda a sua pureza. Trata de se formar, de se tipificar como livre criador absoluto. A alma ou o gênio estão no mesmo patamar que o mito, ou seja, a alma gera-se do próprio sonho, um sujeito absoluto, auto-criador com grande capacidade cognitiva, especulativa e espiritual.

A intenção dos nazis era a transformação radical do mundo humano, ou seja, era uma tentativa mágica para alterar a face do mundo. O principal objetivo era criar uma raça de super-homens, uma espécie de mutação biológica que construísse um nível de existência superior. Esse nível de existência superior era formado por um novo homem com capacidades e poderes psíquicos acima do normal que fomentaria as fronteiras de uma nova civilização apoiada numa nova tecnologia mágica que transcenderia a condição humana, ou seja, o homem possuiria um “poder ilimitado sobre o universo e ganharia a imortalidade, tornando-se um Deus” (Pennick, 1988, p.10). Antes de criar esse “super-homem”, os nazis acreditavam que primeiro era necessário afastar os *untermensch*¹⁰, compostos pelos judeus e ciganos. Era necessário retirar-lhes os direitos cívicos e afastá-los definitivamente do “solo sagrado” do Reich, pois eram vistos, como um obstáculo para a criação/manifestação do novo protótipo do homem.

Os ocultistas nazis, interessados em todos os manuscritos obscuros, investigaram no caminho da devastação mais conhecimentos que os ajudassem a criar a Nova Ordem

¹⁰ Sub-humanidade.

– ressuscitaram a erudição ocultista já esquecida sobre o controlo físico das nações através da antiga ciência da geomancia, isto é, “o local mais sagrado de uma nação era aquele onde repousava invariavelmente o seu posto de governação” (Pennick, 1988, p.12). O centro físico da nação significa o domínio sobre a mesma. O nacionalismo-socialismo criou uma tecnologia mágica rigorosamente adaptada à sua ideologia. Ciências e pseudociências como a rdomancia¹¹, astrologia¹², o magnetismo¹³, a meditação oculta¹⁴, a cosmologia alternativa¹⁵ e a geomancia¹⁶ foram enraizadas no pensamento nazi e pensadas apenas em contexto político, e não num todo. Esse conhecimento traria consigo a responsabilidade de saber distinguir o bem e o mal perante a realidade.

¹¹ Anexo 1.

¹² Anexo 2.

¹³ Anexo 3.

¹⁴ Anexo 4.

¹⁵ Anexo 5.

¹⁶ Anexo 6.

4. Religião e Fé Nazis

4.1 Uma Nova Religião

Hitler considerava que todas as religiões eram iguais e que não tinham futuro. Apesar de ter chegado a um acordo com a igreja como acima referido no ponto 2.1, isso não o iria impedir de destruir o cristianismo na Alemanha. Hitler defendia que o alemão não precisava de se apoiar numa religião, pois era um indivíduo sério em tudo o que fazia, portanto, o alemão deveria rejeitar o cristianismo e adotar “uma crença poderosa e heroica no Deus da Natureza, no Deus de nosso próprio povo, em nosso destino e em nosso sangue” (Pennick, 1988, p.118).

O plano de Hitler era reinvestir as técnicas dos cristãos. Já que a igreja tinha adaptado os festivais pagãos dando-lhes novas interpretações, com o nazismo aconteceria a mesma coisa, era apenas necessário que Hitler conseguisse convencer os padres mais liberais a trocarem a cruz crista pela cruz suástica.

Em relação ao paganismo, Hitler opôs-se fortemente à recuperação dos cultos nórdicos. Para ele o paganismo só poderia ter uma minoria de pessoas e era visto pelos outros líderes nazis como uma força perdida. Tal como Alfred Rosenberg refere, “a morte de Odin foi transcendida pelo misticismo alemão, que ele e os seus seguidores se esforçaram para explicar.” (Pennick, 1988, p.119).

Os líderes nazis sempre tentaram sintetizar um novo sistema de magia e religião, “uma espécie de tradicionalismo radical despojado dos sinais externos da velha religião, ainda que incorporando o centro de operações sob um disfarce contemporâneo” (Pennick, 1988, p.120).

Tal como Hitler imaginava, alguns sacerdotes liberais adaptaram a religião crista ao nazismo tendo sido criado um grupo de protestantes com ideias racistas que vigoravam no seu programa a proibição de casamentos entre alemães arianos e judeus. O seu líder era Ludwig Müller que já tinha ajudado Hitler noutras ocasiões. Müller foi assim nomeado com líder da igreja protestante. Hitler simpatizava com a igreja apenas para benefício próprio, para benefício do seu poder. O seu objetivo final era mesmo a remoção do cristianismo por completo, mas Hitler sabia que as igrejas naquela época tinham muita força e era necessário que essa força fosse manuseada cuidadosamente.

Durante os anos em que Hitler esteve preso, foi Alfred Rosenberg que esteve no

poder do partido nazi. Em 1930 publicou a sua mais conhecida obra *O Mito do Século XX*, uma obra essencial que nos leva a entender a história oculta das raízes do nazismo. Rosenberg defendia que todas as civilizações teriam surgido dos esforços do homem nórdico e que a raça ariana teve origem no continente perdido da Atlântida e que de lá se espalhou para o resto do Mundo e a sua religião teria sido a única fé pura e que como existia uma única fé pura também existia apenas uma raça pura, os arianos nórdicos dos quais os nazis eram guardiões.

“Alfred Rosenberg sonhava com o dia em que, sobre as cinzas do Cristianismo, se ergueria uma igreja nacional do Reich...” (Pennick, 1988, p.122). O antigo credo foi eliminado e Rosenberg reestrutura a religião à imagem da nova ordem, a Bíblia seria substituída pela Bíblia Nazi, *Mein Kampf* de Hitler. Para Rosenberg havia de chegar o dia em que Igreja Nacional do Reich se tornaria a única fé na Europa nazi e que no dia da sua fundação a cruz cristã deveria ser removida de todas as igrejas e substituída pelo símbolo único: a suástica.

Durante o III Reich, o sistema político foi pronunciado como uma “cruzada santa contra aqueles que eram inimigos da raça” (Pennick, 1988, p.124) baseado no princípio da fraternidade entre os homens e da igualdade, algo que Hitler não teria incluído nos seus planos.

Todo o ódio criado contra os membros da Igreja tornou-se numa vingança geral: todos os funcionários públicos que eram católicos foram demitidos, a imprensa católica foi afastada, infiltraram-se grupos da juventude hitleriana obrigando as escolas católicas a encerrar, as reuniões na igreja foram proibidas e as propriedades confiscadas pelo Estado. Em 1937, mais de 100.00 alemães deixaram o catolicismo e apenas um dos líderes nazis Heinrich Himmler se retraiu ao facto de ter de deixar de ser católico.

Os rituais públicos nazis passaram a ser abertamente religiosos. Estes rituais quase religiosos eram encenados por toda a Alemanha nazi. Hitler, o partido e o Reich tomavam o lugar de Cristo e os santos foram substituídos por deuses seculares. Como as cerimónias nazis se incutiram no calendário e atividades, desde nascem até à sua morte, os nazis possuíam cidades sagradas onde eram realizados diferentes rituais de acordo com a festividade do Reich.

As concentrações nazis eram fascinantes com o único objetivo de entorpecer a mente dos seus seguidores. Os desfiles eram marcados por concentrações de grande

escala, intimidavam a oposição transiam as energias psíquicas que Hitler ambicionara para aplicar nos seus fins malignos. Até mesmo as cerimónias realizadas nos funerais dos nazis eram estranhamente imponentes como se fossem invocados os espíritos dos mortos. Embora Hitler pretenda-se substituir a religião cristã pela “sua fé” em massa, o aspeto espiritual da vida era muito diferente. Após o fecho das propriedades religiosas, os nazis proibiram também as orações cristãs que tinham o objetivo de destruir Satanás e os Espíritos do Mal.

Em 1945, após a destruição do III Reich, o Papa Pio XII atacou a doutrina do nazismo, chamando-lhe “uma arrogante apostasia de Jesus Cristo, a negação da Sua doutrina e do Seu trabalho de redenção” (Pennick, 1988, p.124). O objetivo de Hitler é que quando eles vencessem a guerra ele substituiria o Papa, contudo este seu objetivo saiu fracassado com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial no ano de 1945.

4.2 A Origem da Fé Nazi

A fé nazi sofreu uma grande influência por parte de vários ocultistas que foram significativos para a construção do nazismo e de todo o seu misticismo.

Helena Blavatsky¹⁷, contribuiu significativamente para a fomentação das ideias nazis. Em 1875 fundou Sociedade Teosófica. Esta sociedade era dedicada ao estudo das virtudes do budismo esotérico, o estabelecimento da fraternidade universal do homem, a disseminação de antigas artes e sabedorias e ao domínio consciente dos poderes psíquicos latentes no homem.

Outro nome significativo foi Guido von List que apreciava os antigos alemães como uma raça heroica e que representavam o tipo de raça ideal, combinando a dureza, a sabedoria e a arte dos heróis da antiguidade e dos mágicos pagãos.

Sironneau defende que a “religião nazi” não deve ser descrita apenas através dos seus momentos coletivos, mas através dos detalhes de uma personalidade individual. A fé é a quarta dimensão (mais psicológica) da expressão religiosa. No caso dos nazis, a fé manifestada era uma fé violenta e destrutiva que levava os seus seguidores a ações inconcebíveis e à rejeição de qualquer questionamento.

Entre os depoimentos existentes, os dos oficiais nazis tiveram de ser excluídos pois

¹⁷ **Helena Blavatsky** (1831), escritora russa responsável pela sistematização da moderna teosofia e cofundadora da Sociedade Teosófica. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Blavatsky)

o seu discurso estava demasiado alterado. Por isso era necessário o depoimento de uma voz do povo pertencente à burguesia – a voz de uma ativista de um movimento juvenil, Melita Maschmann. Segundo o seu depoimento, o objeto de fé, como qualquer objeto religioso foi levado ao absoluto. O valor supremo era a comunidade alemã. Fotos e soldados mortos eram utilizadas para criar o medo e ao mesmo tempo a vontade de lutar pela Alemanha. A igreja católica era desprezada, mas acreditavam ter um Deus, uma espécie de “Deus Alemão” - em que Hitler representaria o papel de Messias – mas que apenas estaria do lado dos nacional-socialistas. Entendiam que a expressão “Grande Alemanha” possuía um sentido divino, um poder mágico. Como referido anteriormente, os nazis consideravam o Terceiro Reich como uma espécie de Messias que estaria muito perto do “jardim de Deus”. Desta forma, a Alemanha seria o exemplo para os outros países. Acreditar na Alemanha era como acreditar no sol, na lua e nas estrelas, acreditar na Alemanha como algo muito pessoal.

Para o povo alemão a vida só teria significado se fosse vivida pelo serviço da comunidade, uma “missão bonita e difícil” e um “dever absoluto para com o Reich”. (Sironneau, 1982, p. 348). Era necessário trabalhar para a Alemanha. É claro que Hitler também deificou o Reich, o que se tornou quase impossível para os que estavam de fora perceber o fascínio irresistível pelo Reich e pelo Führer.

“Hitler transformou o nosso sonho da Grande Alemanha numa paixão fanática”

(In Sironneau, 1982, p.348).

A sua morte foi vivida como uma espécie de catástrofe cósmica; segundo Maschmann parecia que as rochas da montanha se iam rachando e que uma tempestade chuvosa teria ocorrido nesse exato momento, dando por certeza que Hitler estava morto. Considera-se isto como uma “invasão total” de personalidade pelo objeto sagrado – é como “Tillich chama de “preocupação final” ou “significado final”, é uma coroação religiosa” (Sironneau, 1982, p.349).

A outra prova do conteúdo da crença nazi está no poder dos sentimentos que se desenvolveu na fé dos indivíduos. Um sentimento de amor e comunhão, sobre a vida e a morte, “a comunidade popular e o nacional-socialismo”, como se este fiel amor fosse

capaz de mover a vida dos alemães – estamos perante um chamado amor doentio. Este sentimento tornar-se-ia perfeito aos olhos dos alemães nesse período de tempo até 1945. Como Maschmann, era o “sentimento de pertencer uns aos outros” (Sironneau, 1982, p. 349) de encontrarem em todas as suas diferenças “a marca de origem comum, de amar, e acima de tudo, de reconhecer um dever comum”; “era também um sentimento de certeza absoluta.” (Sironneau, 1982, p.349).

“Fomos vítimas do fascínio do Terceiro Reich”

(In Sironneau, 1982, p.348).

“Outro mecanismo psicológico que caracteriza aquele que está sob a influência de uma crença vivida como transcendência absoluta é a reprovação automática de qualquer coisa que possa desafiar essa crença.” (Sironneau, 1982, p.349) Este foi um mecanismo que tocou ao máximo, principalmente relacionado com os métodos e a violência que os nazis exerciam sobre os judeus e opositores. Segundo o depoimento de Maschmann, a juventude nazi tinha aprendido que nenhum sacrifício era demasiado grande para a Alemanha. Contudo, a própria refere que todo o episódio relativo aos judeus e opositores a marcaram imenso, o que a fez sentir a necessidade de eliminar rapidamente essa memória. Tudo isto se reconhece como uma espécie de repressão moral postulada no domínio de uma crença absoluta. O seu subconsciente foi tão bem organizado que a consciência não precisou de ser sobrecarregada com reflexões arriscadas, pois todas as dúvidas que pudesse surgir do subconsciente eram imediatamente abafadas/sufocadas tornando impossível o aparecimento de qualquer tipo de crítica.

Outra característica fundamental e talvez a mais importante que aparenta a crença nazi. À crença religiosa, especialmente a crença mística é a anulação/dissolução do “Eu”, ou seja, a personalidade é como um vazio, uma perda genuína do “Eu”, alienado a uma total ideologia mítica. Freud fala muito desta identificação do sujeito como uma espécie de “sentimento oceânico” (Sironneau, 1982, p.350), ou seja, existe uma espécie de aniquilação do sujeito e ao mesmo tempo uma necessidade maior para com a própria identificação (o povo ou a comunidade) estabelecendo em si próprio uma forma de equilíbrio.

Durante toda a guerra existiu um sentimento secreto de vulnerabilidade, a ideia de que o próprio indivíduo se separasse de si mesmo, o que aconteceu a muitos jovens nacionais-socialistas que viveram secretamente com esse pensamento/sentimento quase “religioso” de si mesmos. Contudo, Maschmann considerava que o fim da crença nazi resultaria na destruição da sua personalidade: "Eu estava convencida de que não sobreviveria ao Terceiro Reich. Se ele estava destinado a morrer, eu morreria com ele. Um lideraria o outro, inevitavelmente, sem que Ele pudesse fazer nada. O meu fim não me parecia um sacrifício que eu teria que fazer ... Tive a obscura sensação de que "o meu universo" desapareceria como uma constelação desaparece, durante uma catástrofe cósmica, e me arrastaria para o nada, como uma poeira" (Maschmann, citado por Sironneau, 1982, p.350).

Em seguida, passou a existir o mecanismo da defesa do “Eu”, ou seja, negar o que era real – a revelação das atrocidades nazis. Maschmann não acreditava na autenticidade das fotos dos campos de extermínio nazis. Acreditava que seriam montagens para atacar os nazis e caracterizá-los como monstros. No entanto a questão de onde teriam vindo aqueles corpos pairava no ar, mas a imaginação funcionou: “No campo foi dito que as incontáveis vítimas do bombardeiro de Munique tinham sido desenterradas e que esta carga terrível tinha sido enviada para Dachau.” (Sironneau, 1982, p.351)

As perguntas foram surgindo ao longo do tempo, mas a própria justificação que Maschmann dava era que tudo aquilo em que ela acreditava teria sido imposto pelo regime, mas que essa vontade de acreditar e o questionamento radical sempre foram eficazes. Um dia o nazismo seria visto como uma concepção política dos novos tempos, que seriam os fiéis ao país comprometidos a essas novas crenças. A força que Maschmann precisava para viver dependia da certeza de fazer parte de uma comunidade indestrutível, o que a levou a, durante vários anos após a queda de Hitler, questionar-se qual seria o propósito da sua própria existência, e a sua consciência ainda não formatada à nova realidade levaria sempre aos velhos mitos: “Tudo ainda era muito melhor no tempo de Hitler” (Sironneau, 1982, p.352).

O pós-guerra foi um tempo de dúvida e desespero. Os grandes pensamentos profundos e conhecimentos começaram a ser postos em causa, e conseqüentemente a angústia e o medo constante tomaram posse do seu ser. Após o vazio e a decepção que

aniquilou o sentimento de ter sido vítima de um deus alternou-se por uma revolta e desespero, “um tipo de paralisia moral e física que durou dias” – nihilismo ou “ponto zero” são os termos utilizados para expressar essa perda total de significado. Maschmann chegou à conclusão de que o nacional-socialismo tinha sido apenas “um materialismo biológico embelezado com uma loucura emocional, onde a antiga concepção religiosa do Reich foi substituída por um mito germânico” (Sironneau, 1982, p.353).

Concluimos que o depoimento de Maschmann ilustra o poder de enraizamento da crença nazi e a dificuldade extrema em se livrar dela. A sua rejeição passou por uma desorganização psíquica e pelo vazio interno que tal crença manifestou. O poder de enraizamento sobre a personalidade é significativo uma vez que nos permite detetar na crença nazi um dimensão e fé semelhante à da religião.

4.3 O Genocídio e a Magia Negra

Na Alemanha dos anos 20, eram inúmeros os livros que brotavam sobre os temas raciais que não se restringiam apenas aos autores políticos mas também aos académicos alemães eminentes que escreviam tratados sobre o tema raça como Fritz Lenz, professor da unidade curricular de «Higiene Racial» da Universidade de Munique ou Hans Günther, que, em 1926, publicou o livro *Estudos Raciais do Povo Alemão*, no qual continha pormenores sobre as medidas cranianas, descrições de instrumentos necessários para efetuar tais medições e análises de crânios em relação à raça alemã, estabelecendo também uma comparação entre o tipo racial alemão moderno e representações de heróis e filósofos, e gregos da Antiguidade.

Na parte final do livro de Lenz incluía um anexo sobre a raça judaica, uma análise sobre a origem dos judeus e as diferenças entre o “nariz judeu” e dos outros. O estudo sobre o “nariz judeu” ganhou grande ênfase, pois, um dos pais da fisionomia, John Casper Lavater, que em *Ensaio sobre a fisionomia* concebeu leis para definir o nariz perfeito, considerando o nariz como a extremidade do cérebro, comparando os mais nobres homens da história para fomentar as suas teorias.

A razão encontrada por trás deste interesse excessivo por esta minoria étnica fazia parte de uma longa e odiosa história de perseguição aos judeus, uma perseguição que dura desde há vários milénios, se quisermos referir-nos aos exílios na Mesopotâmia

e no antigo Egito, à dominação romana ou ainda à Inquisição. Mas esta perseguição tornou-se mais eficiente na sua letalidade na época de Hitler, cujo objetivo era extirpar completamente a raça judaica do planeta.

A fé numa raça de futuro, levou Hitler a acreditar que o novo *Herrenvolk* não podia evoluir enquanto houvesse um único judeu vivo. O seu ódio místico pelos ciganos e pelos judeus, levou-o a cometer crimes hediondos, procurando extirpar todas as formas de desvio da sua nova ordem mundial.

Em 1940, foi estruturada a primeira fase do plano: Projeto Nisko, para a eliminação da raça judaica deportando os judeus do Grandioso Reich para a Polónia, mais concretamente na cidade de Lublin, constituída por setenta mil habitantes. 250 mil judeus foram deportados, à força, para a cidade de Lublin, onde a maioria acabou por morrer devido a doenças e fome, e os que conseguiram escapar a estas condições por terem mais possibilidades financeiras acabaram por ser executados e considerados como desertores pelos Exército Vermelho.

No dia 20 de janeiro de 1941, os oficiais nazis reuniram-se nos subúrbios de Berlim e delinearam uma solução final para a comunidade judaica que ficou intitulada como “solução final da questão judaica” – o genocídio. Este plano esboçado por Himmler, Heydrich e Eichmann tinha como objetivo o extermínio de onze milhões de judeus.

O genocídio seria assim o passe de magia através do qual a história do mundo ficaria para sempre transformada mesmo que a Alemanha não sobrevivesse. A eliminação dos judeus, a sua cultura e a sua religião propiciariam à ascensão de poderes demoníacos controlados pelo Terceiro Reich.

4.4 Os Elementos Mitológicos Nazis

Todos os regimes possuem elementos simbólicos que os caracterizam e identificam. Como tal, no regime nazi também foram associados vários elementos, alguns até de carácter mítico.

A suástica é um símbolo usado por várias culturas e raças diferentes. A sua presença na Europa e na América é era recorrente em países como Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra Irlanda, Alemanha, México e América do Norte. Este símbolo já foi considerado o símbolo da sorte na China, e atualmente é um emblema presente nas fés hindu e budista.

A suástica sempre foi uma fonte de análise no meio de círculos esotéricos, e destacou-se desde o final do século XIX até à queda do regime Hitleriano. Vários escritores estudaram a sua origem, evolução e significado. A sua natureza oculta foi adotada por vários movimentos esotéricos como os *Novos*

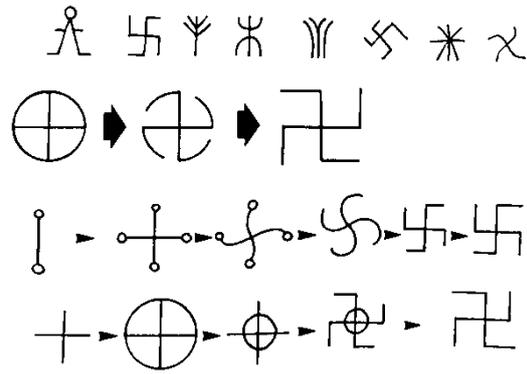


Figura 1 A evolução da Suástica.

Templários, a Sociedade Tule, a Sociedade Teosófica e a Sociedade Vril. O seu simbolismo sempre esteve presente em obras ocultistas e a sua interpretação simbólica é unânime entre a maioria dos escritores: a suástica tem origem ariana.

Ainda hoje, considera-se que a suástica de Hitler indica a direção do mal, mas os primeiros teosofistas não sabiam qual seria a posição certa. Nos templos hindus por exemplo vemos a suástica na sua forma e direção tradicionais – tal como Hitler utilizou – e para os hindus essa é a forma correta. A partir da obra *A Sabedoria Secreta da Cabala* de J.F.C Fuller descobrimos que as suásticas podem rodar em ambas as direções e que a suástica com a direção que Hitler usava é considerada como uma suástica masculina enquanto que a suástica com a direção oposta é considerada como uma suástica com direção feminina. Os atributos da forma masculina tornam a suástica positiva, ativa, analítica, egoísta e demoníaca enquanto que os atributos da feminina tornam a suástica negativa, ambiciosa, artificial, altruísta e piedosa. É certo que os arqueólogos nazis se dedicavam muito à procura das suásticas com o objetivo de poder dizer que seriam sempre de origem ariana.

Outro símbolo importante para o regime nazi foi a sua bandeira. “A bandeira nazi foi, desde sempre, o emblema do espírito de uma causa” (Pennick, 1988, p.54). A bandeira representava a nação ou a coisa e sempre foi defendida até à morte em batalha. Para Hitler, a bandeira devia englobar toda a essência do nazismo, e aplicou a suástica em tudo quanto era nazi.



Figura 2 Bandeira Nazi

Apesar de as suas ideias serem um pouco sinistras, Hitler concebeu uma das bandeiras mais espantosas de todos os tempos, imediatamente reconhecível e capaz de inspirar o fervor ou o medo – imagem associada. A sua natureza sagrada ganhou forças e raízes duradouras nas assembleias nazis. A cor vermelha representava o sangue do partido, a cor branca representava a força e a pureza da nação e a suástica representava a luta mortal pelo homem ariano sobre as forças do judaísmo e do marxismo. Esta bandeira era de tal forma sagrada que nenhum judeu ou bolchevique poderia tocar nela, e todas as tropas tinham de jurar nunca abonar a bandeira em momento algum.

Outro elemento presente no regime nazi com significado nazi são as runas. As runas faziam parte do antigo alfabeto germânico que era conhecido por alfabeto rúnico e era escrito com caracteres angulares adaptados de forma a poderem ser raspados ou talhados. O alfabeto rúnico era tido como um possuidor de propriedades mágicas, sendo utilizado para inscrições rituais. Este alfabeto iniciou-se na Alemanha, Escandinávia, Bretanha e Irlanda, e alguns elementos chegaram até a ser encontrados em terras remotas do Tibete e da América do Norte. O facto de ser uma escrita sagrada, a tradição assegurava que as runas tinham sido uma espécie de oferta à humanidade por Odin, o pai supremo do panteão nórdico.

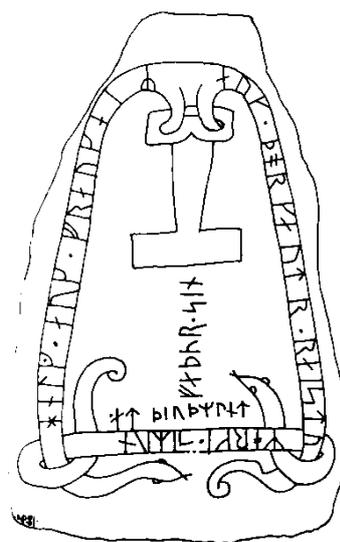


Figura 3 Pedra antiga exibindo Runas.

Desde do início que o rúnico serviu para a adivinhação, para deitar sortes, fazer invocações mágicas e gravar inscrições em monumentos aos mortos, e cada runa tinha o seu simbolismo próprio. Estes elementos simbólicos eram utilizados para adivinhação, invocações mágicas, proteção dos mortos e usadas também como amuletos.

Para os nazis o simbolismo das runas era algo mágico e poderoso que ansiavam por descobrir. Durante o período nazi a imprensa produziu em massa vários livros sobre a questão rúnica e havia várias revistas dedicadas apenas a estudos rúnicos que serviam o público intrigado.

Concentremo-nos num exemplo particular – os conhecidos “raios” SS – dois signos rúnicos, símbolos de poder e de vitória. Himmler, líder dos corpos das SS era mais fascinado pelo carácter mágico das runas do que propriamente pelo carácter histórico,

e o seu objetivo era que as SS estivessem empenhadas num programa de desenvolvimento de uma tecnologia mágica que conseguisse controlar o Reich e o resto do mundo.

As runas são particularmente adequadas à execução de sentenças mortais. Estes caracteres antigos criam um veículo para o desenvolvimento da vontade e os mestres dessa magia rúnica conseguem dirigir a sua vontade e poderes sobre determinados objetos. O emblema das SS era uma espécie de um amuleto consagrado que protegia aqueles que tivessem o direito de o usar. Para além das “insígnias” era também dado aos oficiais das SS um anel em prata - um distintivo de cargo numa ordem religiosa. A adaga, uma imitação indisfarçada dos heróis da Antiguidade, era também concebida aos oficiais das SS e representava um revivalismo da tradição pagã antiga. A mesma, exibia as runas SS e um nome mágico era atribuído a cada oficial tendo em conta a sua personalidade. Todos os oficiais das SS eram obrigados a fazer-se acompanhar pela sua adaga em todas as cerimónias, e também eram obrigados a aprender o simbolismo das runas para que estivessem perfeitamente cientes sobre o seu simbolismo mágico. Um oficial munido de poderes mágicos, sentia-se invencível, “guardado e guiado por poderes superiores, de maneira a cumprir o destino prometido pelos seus mestres, a quem jurara obediência cega até à morte” (Pennick, 1988, p.63).

5. Propaganda Nazi

A propaganda dos movimentos totalitários aparece antes da instauração dos regimes a que esses movimentos pertencem. Este tipo de propaganda é “tão franca quanto mentirosa” (Arendt, 1979, p.434). É uma propaganda que tem o objetivo de atingir as grandes massas desprovidas de opinião política.

5.1 As Massas e os Cultos

As massas estão presentes em qualquer país e são constituídas maioritariamente por pessoas neutras e politicamente indiferentes, desprovidas de qualquer opinião ou atividade política. Foi com este tipo de pessoas que o partido nazi ascendeu consideravelmente, pois eram pessoas indiferentes ao mundo político, que outros partidos haviam abandonado. O facto de estas pessoas terem um pensamento neutro quanto à política permitiu que fossem introduzidos novos métodos de propaganda política a indiferença dos argumentos da oposição.

As massas contribuíram para o sucesso dos movimentos totalitários. Como se apresentavam politicamente neutras e indiferentes eram convencidas de que as maiorias parlamentares de uma democracia não correspondiam às necessidades de um país. Com o colapso do sistema de classes como estratificação social imposto pela democracia, o nazismo pode ascender. Estas massas que surgiram deste colapso eram consideradas como um “subproduto da produção capitalista” (Arendt, 1979, p.439). Eram comparadas à típica ralé da sociedade democrática - “as massas têm em comum com a ralé apenas uma característica, ou seja, ambas estão fora de qualquer ramificação social e representam política normal” (Arendt, 1979, p.439), contudo não herdaram nenhum padrão ou atitude das classes dominantes. Os seus padrões são determinados à classe específica que anteriormente pertenceram e por influências e convicções partilhadas por todas as classes da sociedade. Como houve um colapso no sistema de classes os partidos não conseguiram representar os interesses dessas classes e como tal surgiu o desenvolvimento da psicologia de massas por toda a Europa. Esta abstrata uniformidade não evitou que cada indivíduo se julgasse a si próprio em termos de fracasso individual. “A consciência da desimportância e da dispensabilidade deixava de ser a expressão da frustração individual e tornava-se um fenómeno de massa” (Arendt,

1979, p.441).

As massas surgiram dos fragmentos de uma sociedade onde apenas os que pertenciam a uma classe participavam de uma controlada estrutura competitiva e simultânea solidão. Essas massas provindas de um Estado-Nação dominado por classes alimentadas por um sentimento nacionalista voltaram-se para um nacionalismo violento que apesar de ir contra os próprios instintos e finalidades foi bem aceite pelos seus líderes puramente demagógicos.

Entre 1933 e 1945, artistas, engenheiros e atletas esforçaram-se estar à altura dos ideais do nazismo. Surgiram grandiosas construções que expressavam a onnipotência do poder nazi, as provas desportivas realçavam a superioridade alemã e a tecnologia tornou possível que todos os alemães pudessem ouvir a voz de Hitler.

Os trunfos desportivos demonstravam a grandiosidade alemã e a sua superioridade para com os outros povos. Desportos como o boxe eram bastante valorizados devido à sua agressividade que aguçava o instinto guerreiro dos soldados das SS e dos membros da Juventude Hitleriana. Nos anos 30 o futebol internacional também refletia as rivalidades entre países. Os jogos de futebol eram transformados em ensaios gerais de guerra que estava prestes a começar. A ginástica também era vista como um desporto para mulheres, cultivando assim a sua elegância. O culto do corpo tanto masculino como feminino era muito importante para os nazis, principalmente para se sentirem superiores a outras raças.

Edifícios grandiosos, linhas puras e simétricas e figuras musculosas caracterizavam o Imperio do Terceiro Reich, a que se seguiria o grande arquiteto alemão Albert Speer que elevaria à megalomania o desejo de grandeza, de que o Estádio onde se realizariam as Olimpíadas de 1936 é um dos exemplos, encenando simultaneamente as grandes paradas e manifestações militares e de massas. A arquitetura colossal dos edifícios públicos fazia o individuo sentir-se diminuído e insignificante frente ao estado. A inspiração nazi provinha das figuras clássicas da Grécia e Roma. Pinturas e esculturas enalteciam o ideal ariano. Os modelos eram homens altos, perfeitos e masculinos (os futuros soldados alemães). Na Alemanha nazi, a função do homem era fundamentalmente treinar-se para a guerra, o seu principal objetivo era tornar-se um bom soldado, com uma boa forma mental e física. O regime insistia no cuidado do corpo,

bronzeados, de costas direitas, peito para fora e olhos fanáticos, “o jovem alemão deve ser esbelto e orgulhoso, rápido como um galgo, resistente como o couro e duro como o aço Krupp” (Hitler, 1935) e em relação à família a função do homem era ganhar dinheiro e ter muitos filhos. Os puros-sangues das SS eram até incentivados a procriar mulheres solteiras fora do casamento. As mulheres eram loiras e femininas e personificava o ideal de esposa e dona de casa que criava a nova geração de guerreiros eram consideradas como as “fadas do lar”. Os acessos a cargos públicos para as mulheres passaram a ser proibidos, pois eram muito sentimentais o que as impedia de pensar logicamente e racionar objetivamente sobre os assuntos. Para Hitler a juventude era o futuro, logo o partido nazi sentiu que se devia adaptar aos mais jovens. O Führer nunca deixava passar uma oportunidade para conversar com os mais jovens e caso não o pudessem ver pessoalmente, o seu rosto aparecia estampado em todos os livros, cartazes, filmes e jogos. O seu interesse pela juventude correspondia à perfeição que ele queria projetar ao nazismo: um movimento futurista e moderno. Os jovens tinham de provar o seu valor em trabalhos de campo, combates de boxe, práticas bélicas e testes de inteligências, deveriam participar do impulso nazi, e a filiação na Juventude Hitleriana era obrigatória. O Führer mostrava-se muito satisfeito com a juventude Hitleriana, com a saudável raça de jovens que tinha criado. “Surgiu um novo ideal de beleza. O modelo do nosso tempo já não é o do gordo ignorante que bebe cerveja, mas sim o jovem esbelto, orgulhoso e bem-apresentado, são de corpo e de mente.” (Beck, *Super Interessante – A Ascensão do Terceiro Reich*, 2019, p.66). Para Hitler um dos objetivos mais importantes para o nazismo era o treino da juventude e os seus líderes tinham de seguir a linha do partido e projetá-la ao resto dos jovens, que eram educados de acordo com a cosmovisão nazi num império germânico e na superioridade da raça ariana. As jovens alemãs também pertenciam a grupos de treino nazis como o objetivo de encaminhá-las para a maternidade para que procriassem mais soldados para o exército. Esta ideia foi enunciada por Hitler na sua obra *Mein Kampf*: “A única razão para as mulheres receberem treino é para se transformarem em boas mães”. As jovens tinham de ser como o ar puro, limpo e fresco da Alemanha. O treino que recebiam era duro e aos 18 anos tinham de se submeter a exames médicos para provarem que eram saudáveis. “O nosso objetivo é conseguir jovens sãs que possam oferecer as suas capacidades ao povo ao estado. O que nos interessa não é proporcionar à mulher conhecimento científico,

mas sim que adquira um sentido comunitário e aprenda a realizar os seus trabalhos” (Beck, *Super Interessante - A Ascensão do Terceiro Reich*, 2019, p. 67). Como acima referido no ponto 3.1.1.1, Sironneau dá-nos um bom exemplo da jovem Maschman que pertencia a um destes grupos de jovens, onde dá o seu testemunho sobre a forma como as ideias nazis eram inculcadas aos jovens.

A guerra demonstrou que a Juventude Hitleriana tinha criado o que Hitler necessitava – jovens dispostos a morrer por ele. O nacional-socialismo não foi apenas uma ideologia política, mas sim uma forma de vida. O partido nazi impôs à sua população a mentalidade de Hitler, desde os mais jovens até aos mais velhos.

5.2 A Influência do Mito na Propaganda

A utilização do cinema para fins propagandísticos, na Alemanha, surgiu na Primeira Guerra Mundial. Foi então criado um projeto financiado pelo alto comando militar para conseguir gerir a propaganda em tempos de guerra. Esse projeto era denominado por UFA (*Universum Film Aktien Gesellschaft*). Adolf Hitler era um dos que mais apoiava a UFA, e começou a aparecer e a ganhar notoriedade nos seus jornais, melhorando a sua imagem política e conseguindo um bom desempenho eleitoral do seu partido. Após a ascensão de Hitler ao poder, o até então detentor da UFA Alfred Hugenberg¹⁸ tornou-se ministro da economia passando o seu testemunho como ministro da propaganda do Terceiro Reich para Joseph Goebbels.

Como a propaganda passou a ser o mais importante no mundo do Terceiro Reich, o cinema foi o setor que recebeu uma maior atenção e maior investimento do regime. Hitler sabia que as imagens tinham um forte potencial para a veiculação de ideologias e na conquista das massas. Assim o cinema proporcionou fortemente o crescimento partidário nazi, que antes da ascensão de Hitler já, tinham sido produzidos alguns filmes de propaganda nazi como por exemplo o *Congresso de NSDAP em Nuremberg* no ano de 1927.

Nos primeiros anos de Hitler no poder, o Ministério da Propaganda reuniu as várias companhias e estúdios cinematográficos para assumir o total controlo da

¹⁸ **Alfred Hugenberg (1865-1951)**, homem de negócios, representou na assembleia na assembleia nacional o seu partido DNVP (Deutschnationale Volkspartei) durante a República de Weimar apoiando o Partido de Hitler que lhe forneceu cargos de ministro da agricultura e alimentação e ministro da economia. In (https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Hugenberg)

produção cinematográfica na Alemanha. Durante o regime nazi foram produzidas mais de 1000 longas metragens, procurando sempre enaltecer o nazismo e estimulando a maioria dos alemães a participarem no regime. A Alemanha passou a ser o segundo maior produtor cinematográfico do Mundo atrás dos Estados Unidos da América. É importante destacar que o cinema nazi foi sempre dedicado ao entretenimento, sendo os filmes produzidos com uma conotação política “escondida” por trás dos enredos cinematográficos.

No início dos anos 30, o nazismo ainda estava a tentar construir uma imagem idealizada do regime. Os primeiros filmes eram de carácter patriótico e partidário, apresentando os judeus e os comunistas como os grandes inimigos da Alemanha. Na indústria cinematográfica, o bem e o mal eram colocados de modo a provocar violentas emoções no espectador, para que este não tivesse dúvidas no lado que deveria escolher. Os comunistas eram sempre retratados de forma caricatural e maléfica para criar uma espécie de combate direto entre os mais antigos determinando o seu carácter político e doutrinário. O povo e a raça também eram projetados nos filmes nazis através de noções de carácter perverso, de destruição e de exploração, neste caso até mais relacionado aos judeus e aos ciganos.

Para Hitler, a propaganda teria que ter um papel fundamental para o crescimento do Partido Nazi, “toda a propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante de entre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim a sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais quanto for a massa humana que ela deverá abranger. Tratando-se, como no caso da propaganda da manutenção de uma guerra, de atrair ao seu círculo de atividade um povo inteiro, deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas. Quanto mais modesto for o seu astro científico e quanto mais ele levar em consideração o sentimento de massa, tanto maior será o seu sucesso. (...). Compreendendo-se, a necessidade da conquista da grande massa, pela propaganda, segue-se daí a seguinte doutrina: é errado querer dar a propaganda a variedade, por exemplo, do ensino científico. A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas em compensação, a capacidade de esquecer é grande. Assim sendo, a propaganda deve restringir-se a poucos pontos. E esse deverão ser valorizados pela ação de fórmulas estereotipadas até que o último dos

ouvintes esteja em condições de assimilar a ideia.” (Pereira, 2008, p.46).

A propaganda nazi tinha de ser simples, emotiva e popular, que atingisse o coração das massas alemãs, representando os seus sentimentos, pois Hitler considerava que a propaganda tinha de ter um objetivo definido dirigindo a um grupo alvo. A propaganda teria de se inspirar nas expressões, no tom, os princípios básicos das massas. Deveria ser uma propaganda organizada que alcançasse as grandes massas populares. “A propaganda não deve investigar a verdade objetivamente. Na medida em que a verdade pende para o outro lado, deve-se apresentá-la de acordo com as regras teóricas da justiça, e só o aspeto da verdade que nos é favorável deve ser manifestado.” (Pereira. W, 2008, pp.46-47).

Para a propaganda nazi o objetivo era “definir” o sentimento das massas ponto de parte o conhecimento objetivo : “a grande massa do povo não é composta de professores nem de diplomatas (...) A fé é menos difícil de abalar do que o saber, o amor é menos sujeito à transformação do que inteligência, o ódio é mais durável do que a simples antipatia, e a força motriz das grandes evoluções, em todos os tempos, não foi o conhecimento científico das grandes massas, mas sim um fanatismo entusiasmado e, às vezes uma onda histórica que as impulsionava. Quem quiser conquistar as massas deve conhecer a chave que abre as portas do seu coração. Essa chave não se chama objetividade, isto é, debilidade, mas sim vontade e força.” (Pereira, 2008, p.47).

As multidões são regidas por um sentimento comum de carácter afetivo, um carácter mais sentimental, de certo modo mais feminino, “as massas gostam mais dos que mandam do que dos que pedem” (Pereira. 2008, p.47). O povo deixa-se guiar mais pelo sentimento do que pela reflexão. Esses sentimentos são simples, consistentes e nunca tomam um meio termo entre o bom e o mau, sempre escolhem um dos lados. Por isso nos seus discursos e propaganda Hitler nunca precisava recorrer à diferenciação entre os liberais, os social-democratas e os comunistas. Hitler definia-os a todos com inimigos que representavam o mal e isso bastava para as massas. Para Hitler, “*a persistência é a primeira e a mais importante condição para o sucesso*”, (Pereira. 2008, p.48) a propaganda não era apenas um instrumento para chegar à elite, mas sim uma forma de persuadir e doutrinar os alemães. Os nazis possuíam técnicas de manipulação desde a mitologia germânica à liturgia católica, técnicas de agitação comunista e estudos sobre a psicologia das massas. O controlo dos meios de comunicação proporcionou o

condicionamento dos homens e mulheres alemães, transformando-os em “marionetes” do Estado – assim, os alemães pensavam que estavam a contribuir para a recuperação do país.

5.3 Cinema Mítico

Os conteúdos cinematográficos encorajavam ao nacionalismo exagerado e ao espírito militar, incitando sentimentos racistas e xenófobos entre a sociedade alemã, recorrendo à formação de estereótipos dos inimigos da nação, criticando o comunismo como um mal ameaçador dos ideais da civilização ocidental e acusando os judeus de quererem dominar o mundo. Contudo, Goebbels defendia que o cinema teria de ser mais moderno e abrangente para conseguir influenciar as massas, ou seja, deveria haver uma ausência de intenção ou uma intenção omitida para a eficácia da propaganda: “Não desejo algo como uma arte que prove o seu carácter nacional-socialista tão somente pela apresentação de emblemas e símbolos nacional-socialistas e do levantamento de problemas nacional-socialistas. Estes problemas penetrarão na vida sentimental dos alemães e de outros povos tão eficazmente quanto mais naturalmente forem tratados. É geralmente uma característica essencial para a eficácia da propaganda, que ela jamais apareça como se desejada. No instante em que a propaganda se torna consciente, ela é ineficaz. Mas do momento em que ela permanece como tendência, como carácter e como atitude ao fundo e aparece somente através do tratamento da narrativa, da trama, da ação e dos conflitos humanos, torna-se totalmente eficaz em todos os aspetos.” (Pereira, 2008, p. 109).

As primeiras produções cinematográficas do regime Hitleriano destacavam com grande importância a juventude do movimento nazi, exaltavam o companheirismo, a fraternidade e o espírito de entrega o que proporcionou à criação do grupo da juventude hitleriana onde lhes era incutida uma forte doutrina que os fazia sacrificarem as suas vidas pelo país, pelo Führer e pelo Partido Nazi. Esta valorização do espírito de juventude é retratada na obra cinematográfica *Hitlerjunge Quex (O Jovem Hitlerista Quex, 1933)*¹⁹.

Os filmes *S.A.-Mann Brand (o S.A. Brand, 1933)* e *Hans Westmar – Einer von*

¹⁹ *Hitlerjunge Quex* retrata um jovem que é forçado pelo pai a militarizar-se num grupo da Juventude Comunista e que se depara com a Juventude Hitleriana e fica fascinado com a força e disciplina da mesma ao contrário da rudeza dos comunistas, o que o fará converter-se, mais tarde, ao nazismo. O jovem torna-se mais destemido da Juventude Hitleriana e que acaba por ser ferido por um grupo de comunistas. A entreejada dos seus colegas hitlerianos simboliza a construção de uma Nova Alemanha.

Vielen (Hans Westmar - *Um Dentre Muitos*,1993) também retratam os combates de rua entre nazis e comunistas. Nestes filmes, “a morte é tratada de forma estetizada, numa referência aos rituais primitivos do martírio. O jovem está acima de todos os laços emocionais pessoais e dos desejos sexuais, o que significa uma sublimação extática do sexo, canalização do poder erótico para os símbolos do Partido Nazi e do Führer.” (Pereira. 2008, p.112).

Após a produção dos primeiros filmes de enaltecimento da vitória nazi, surgiram os filmes direcionados apenas ao Führer, a maioria deles documentados por Leni Riefenstahl criadora da grande obra cinematográfica *Triumph des Willens* (O Triunfo da Vontade) em 1935. O *Triunfo da Vontade* foi das poucas obras cinematográficas que contou com intervenções diretas de Hitler que reconhecia o grande talento de Leni Riefenstahl escolhendo a cineasta para outras obras cinematográficas importantes como o documentário sobre o Congresso do Partido Nazi em Nuremberg realizado no ano de 1934. Leni era “mulher alemã perfeita” segundo Hitler.

O documentário *Triunfo da Vontade* por si só já possui um certo misticismo no seu título. A questão é: a que ti de vontade se refere o Führer? Várias respostas podem ser levadas em consideração: a vontade do povo alemão que deu a vitória a Hitler, a vontade dos seus seguidores em tornar o partido como o mais forte da Alemanha, a vontade do próprio Hitler em tornar-se líder absoluto da Alemanha.

Alfred Rosenberg, o grande ideólogo de Hitler, defendia que a vontade germânica era a ação, a vontade posta em forma, e para transformar esta vontade em ação era necessário convencer o povo alemão do quão poderosos conseguiriam ser se aceitassem trabalhar em conjunto segundo as ordens de um único líder na promessa de criar um império de mil anos. Para que o povo se convencesse era necessário introduzir os mitos em experiências vividas através de realidades visuais recorrendo ao uso de símbolos, rituais, a águia estereotipada, a suástica, os uniformes, as saudações e paradas, algo que predomina no documentário *Triunfo da Vontade*.

“É próprio da natureza do mito a personificação de uma figura, num tipo que se destaca de um cenário”

Alfred Rosenberg (Pereira, 2010, p.112)

O *Triunfo da Vontade* recorre ao uso da simbologia antiga. A águia de asas abertas, que significa o poder, surge com as suas garras segurando a suástica lunar em que um dos raios está apontado para baixo, interpretado pelas sociedades teosóficas como um sinal de que Hitler governaria com as forças da involução²⁰. O renascimento representado no documentário mostra a união de dois mitos: o messias, que é representado na forma de águia ou de cruz que surge dos céus, o divisor de águas da Alemanha segundo Leni Riefenstahl e o herói que com a sua determinação supera os obstáculos e humilhações que sofreu no passado, associando esses acontecimentos à derrota na Primeira Guerra Mundial, representando ao povo alemão a esperança de um futuro melhor. A obediência que Leni Riefenstahl associou a Hitler representando-o como um Deus, um novo guia espiritual da Alemanha tornou-a numa das cineastas mais importantes da história. Contudo, as suas questões ideológicas, do ponto de vista ético, não são levadas seriamente pois é difícil de entender como a sua busca pela perfeição técnica a terá deixado colocar de lado tantas questões morais bastante relevantes para a humanidade.

A força das imagens cinematográficas na construção simbólica do nazismo e na sua estratégia totalitária é essencial para que compreendamos que a estética continua a ser um campo de excelência para a propagação da mitologia, da lógica e do mundo fascistas. Para Hitler, o *Triunfo da Vontade* deveria exortar a obrigação ao fanatismo. Contudo, Leni Riefenstahl insiste que o conteúdo cinematográfico do *Triunfo da Vontade* documenta apenas uma “historia pura” que caracteriza um típico filme de propaganda política que transportaria as ideias de Paz e Trabalho.

O nacionalismo alemão e a superioridade da raça ariana foram também temas muito retratados no cinema alemão. “A hostilidade ideológica das autoridades nazis em relação à sociedade industrial e urbana foi responsável pela mitificação do camponês e da paisagem rural em detrimento da cidade.” (Pereira. 2008, p.113). Mesmo antes da ascensão Hitler já criticava Berlim como vermelha e infestada de judeus. Para os nazis apenas a população rural é o único elemento portador de raça ariana pura e dos costumes germânicos.

Em *Olympia* (1938), outra grande obra de Leni Riefenstahl, um documentário

²⁰ **Involução**, passagem do heterogéneo ao homogéneo, do diverso ao mesmo, do múltiplo ao um: a involução opõe-se à diferenciação.

composto por duas partes – Festival das Nações e Festival da Beleza – consagrando os XI Jogos Olímpicos realizados em Berlim, um evento desportivo que proporcionou reconhecimento mundial ao regime e mostrou ao mundo e ao povo alemão a imagem de um “Nova Alemanha” forte e destemida.

Porém, ao mesmo tempo que eram produzidos filmes que valorizavam o alemão racialmente puro eram também produzidos filmes como *Opfer der Vergangenheit* (*Vítimas do Passado*, 1937) e *Ich Klage an!*²¹ (*Eu Acuso!* 1941) que retratavam o extermínio daqueles que não se encaixavam na sociedade alemã como doentes mentais, deficientes físicos, vítimas de doenças incuráveis, homossexuais e toda a variedade de etnias consideradas como “raça inferior”. Havia também em grande número os filmes que mostravam a inferioridade dos outros países e etnias. Dentro das etnias, os judeus foram o povo que mais sofreu às mãos do Regime Nazi. Foram os primeiros seres a serem considerados inferiores retratados como personagens maldosas, feias, demoníacas, e animais, sob a forma de insetos, cogumelos venenosos, ratos, cobras, vermes e doenças. Os filmes antisemitas serviam principalmente para justificar a deportação dos judeus e convencer os alemães de que a “solução final” (extermínio dos judeus) seria necessária. A primeira obra cinematográfica antisemita a ser produzida foi *Die Rotschilds* (*Os Rotschilds*, 1940), onde o judeu é retratado como uma criatura perigosa, de mãos curvadas, rosto feroz e olhar sádico e maléfico. Outros tantos filmes antisemitas foram produzidos como *Der Ewige Jude* (*O Judeu Eterno*, 1940) e *Führer Schenckt die Juden eine Stadt* (*O Führer Doa uma Cidade aos Judeus*, 1944).

Os inimigos de guerra também foram retratados no cinema como os ingleses representados como covardes e capitalistas snobes em filmes como *Titanic* em 1942 e como imperialistas que escravizavam as pequenas nações e os povos indefesos, *Mein Leben für Irland* (*A Minha Vida Pela Irlanda*, 1941). Quanto à guerra, o cinema nazi apostou muito na propaganda tanto num sentido positivo (exaltação do herói nazi) como negativo (a brutalidade do inimigo). Os filmes de guerra procuravam afirmar a “Nova Alemanha” que sairia vitoriosa quando fossem aniquilados todos os inimigos do Reich. Para atingir este objetivo os nazis contruíram o seu herói com traços antigos dos heróis míticos. A Alemanha passava por um país inocente e indefeso em relação aos

²¹ *Ich Klage an!* 1941, com o objetivo de testar a opinião pública em relação à lei que iria legalizar a eutanásia. O filme retrata uma jovem que sofre de uma doença incurável, que implora ao marido médico que a mate para acabar com o seu sofrimento.

países inimigos.

Com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, procurou-se mitificar a futura ressurreição da Alemanha para que as glórias prometidas fossem vividas de um Império que deveria durar mil anos. Hitler e Goebbels investiram numa grande quantidade de recursos materiais e de dinheiro para uma grande produção cinematográfica que narrasse a heroica resistência do povo de Kolberg perante o exército napoleónico. Contudo este objetivo não se concretizou e os nazis não saíram vitoriosos da Segunda Guerra Mundial apenas conseguiram procurar a sua vitória no mundo da fantasia cinematográfica.

5.4 O Cinema Mítico de Leni Riefenstahl

Em doze anos de domínio nazi foram produzidos aproximadamente 1.350 longas-metragens, posicionando a Alemanha em segundo lugar no que diz respeito à produção cinematográfica mundial. Todos os filmes produzidos, mesmo que com carácter comercial, estavam formatados para promover os interesses políticos do país. Eram produzidos também filmes de carácter educativo, cinejornais e campanhas de saúde que indiretamente promoviam os valores nazis e demonizavam os inimigos e opositores.

O estatuto da imagem fica mais vincado e complexo ao debruçarmo-nos nos documentários de Leni Riefenstahl, documentários que para além de terem conquistado reconhecimento internacional mudaram o modo de transmitir grandes eventos que ainda hoje influenciam diversos diretores e produtores cinematográficos.

Durante muito tempo, a principal crítica aos documentários de Leni Riefenstahl, que, por meio das suas imagens perfidamente sedutoras a nível técnico e estético, falsearam a realidade ao mostrar um mundo hitlerista como uma sociedade pacífica, solidária e feliz. Todos os eventos eram meticulosamente ensaiados e organizados de forma a mostrar uma Alemanha totalitária. Para tal, foram utilizados vários recursos capazes de potencializar o efeito emocional desse registo, sendo utilizadas imagens que potenciassessem o sentimento de nacionalismo e patriotismo nos alemães, imagens “alucinogénias” que conseguissem entorpecer a mente daqueles que assistiam. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, ao ser questionada sobre as intenções políticas que os seus documentários continham, Leni Riefenstahl, em sua defesa,

afirmava que nenhum dos seus documentários teria sido ensaiado e que nenhum teria a segunda intenção de passar uma mensagem política.

Que mundo Leni Riefenstahl revela nos seus documentários? Esta é a questão central em que nos devemos focar para percebermos que tipo de mitologia pode estar escondida por trás das suas obras e que impacto tiveram as mensagens subliminares apresentadas nas suas obras nas mentes daqueles que assistiam.

Os seus documentários mostravam a parte que diz respeito à visão do mundo da ideologia nacional-socialista. Tais eram exibidos como uma imagem total e legítima da experiência nazi, na medida em que a sua produção seria o registo de uma determinada prática e experiência social e política que realmente aconteceu.

Todos os documentários de Leni Riefenstahl devem ser estudados e problematizados na medida em que estes nos revelam uma experiência contraditória que é preciso ser entendida a partir daquilo que nos foi deixado a despeito das intenções que foram deixadas nos mesmos.

“O documentário sempre foi um “ponto de vista”, uma atitude perante o objeto, sempre nos ensinou a ver desta ou daquela maneira, sempre nos revelou ou nos surpreendeu com as imagens e sons do mundo, sempre foi versátil e aberto a diferentes práticas e formas de cinema, não necessária e obrigatoriamente sério, objetivo, pesado ou socialmente útil. Esta última é apenas uma das opções de produção. A valorização do documentário exige que se ultrapasse ideias e concepções estereotipadas dentro desse tipo de filme, promovendo-lhe um estatuto que até agora se encontrava ignorado por muitos, o de uma reflexão muito particular sobre a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo, podendo cativar o grande público. Por oferecer uma reflexão aprofundada sobre determinado tema desencadeia um envolvimento crítico sobre o mesmo e contribui, enquanto espaço de formas e conteúdos inesgotáveis, para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos, indo ao encontro das exigências no que respeita ao tratamento aprofundado de determinado tema.” (Penafria, 1999, p.78).

Quando se diz que estas duas obras falsificam a realidade, que se trata de ficções disfarçadas em documentários e criadas para sabotar o senso crítico de quem as assiste, dá-nos a entender que a crítica está a exigir dessas imagens uma realidade total e que para tal seja constituída uma verdade absoluta sobre o que aconteceu. O que estes documentários mostram é uma visão positiva do nazismo através das manifestações

festivas, servindo para propagar conceitos sobre o regime de Hitler que partiam da esfera principal com o objetivo de que fosse aceite o que estava escondido por detrás de uma imagem de harmonia e perfeição, estando o documentário a mostrar um registo verdadeiro, mas não a verdade em si. Para os alemães aquela era a única verdade em que viviam independentemente de apoiarem ou não o regime.

Os documentários de Leni Riefenstahl tornaram-se uma questão problemática no que toca à exploração dos efeitos do que é real ou ilusão (que não pode ser confundida com ficção) para criar algo impossível de negar. Mesmo tendo servido a diferentes ideologias, o uso do documentário como instrumento de propaganda na Alemanha destacou-se pelas mensagens que transmitia como uma unificação do poder: “a propaganda totalitária reveste-se de um ideal de verdade objetiva e faz da imagem uma evidencia em si da “verdade”, tudo para mostrar algo tendencioso, irreal por se fazer absoluto” (Teixeira, 2010, p.50).

Riefenstahl concluiu que a mensagem que o *Triunfo da Vontade* transmitia era de paz, estabilidade e do trabalho do povo alemão – uma visão difícil de corroborar, não apenas pelo que sabemos do que o nazismo provocou, mas porque se fez necessário uma postura mínima de desconfiança diante daquilo que se coloca em contradições.

Segundo Furhammar e Isaksson (1976), a produção cinematográfica nazi dava grande ênfase à produção de documentários. Nos anos 20 e 30, dirigentes políticos viram no documentário um instrumento de educação, formação ideológica e persuasão das massas.

Documentários como *O Eterno Judeu* (*Der Ewige Jude*, ALE, 1940) contribuíram para a formação do ódio contra a raça judaica. O filme mostra o judeu como um elemento estranho que deve ser exterminado da mesma forma que se exterminam as pragas capazes de transmitirem doenças contagiosas. O filme foi lançado exatamente na mesma época da Solução Final para com os judeus. Este documentário teve o poder de mobilizar no espectador mecanismos mentais como lembranças, sentimentos e sensações – o espectador lida com um tipo de imagem que reproduz a profundidade e o movimento contínuo e usa as suas faculdades mentais para participar ativamente no jogo. A relação entre a imagem e o texto conduz o sentimento dos espectadores a uma falsa verdade até então encoberta: conduzidas por uma música sinistra, as imagens mostram os judeus sujos, com aparência doentia e feições desconfiadas, acompanhadas

pela seguinte narração: “Em todo lugar que uma mácula surge no corpo do povo, eles fixam-se, alimentando-se do organismo em decomposição. Eles lucram com a doença do povo. Empenham-se em perpetuar toda a condição patológica. Assim é na Polónia e assim foi na Alemanha. É assim que os judeus se comportam através da História.” (Teixeira, 2010, p.56) ao assistirmos a estas imagens, a impressão que se tem é de se estar diante do próprio arquétipo do judeu incapaz de mudar por ser incapaz de se adequar e não de uma comunidade judaica num todo. Apesar destas influências negativas relativamente à raça judaica, os espectadores tinham noção de que não era assim que os judeus viviam porque gostavam – o documentário não era assim tão capaz de desviar uma opinião ou entorpecer o senso crítico de quem o visse. Mas como os nazis quando assumiram o poder encontraram desde logo, uma sociedade influenciada de noções antissemitas e com perspectivas “eliminacionistas” prontas para serem mobilizadas a extremos até então inimagináveis.

Os filmes e documentários nazis continham por trás uma forte estrutura que controlava desde a censura dos roteiros até à exibição dos mesmos, dentro e fora da Alemanha. A propaganda nazi combinava a arte (arquitetura, monumentos grandiosos, festas, uniformes) e a política como o objetivo de se colocar acima da realidade, eliminando assim qualquer referência do passado e também experiências contemporâneas, colocando-se como algo eterno e atemporal.

As obras de Leni Riefenstahl são um caso à parte na produção cinematográfica alemã. Ao retratar o congresso de Nuremberga, a cineasta realiza a sagração definitiva de Hitler junto do povo alemão que se coloca ao seu serviço. Celebrações, discursos, desfiles, momentos formais e informais são retratados de forma que Riefenstahl tire de cada imagem e som captados o máximo de expressão e dramaticidade. O documentário mistura as atividades oficiais (NSDAP) com momentos quotidianos, onde se pode ver os bons resultados da cultura nazi em conjunto com um povo sorridente, solidário, que encara o futuro sem nunca deixar de lado a tradição.

Em *Triunfo da Vontade* acontecimentos do quotidiano, a arquitetura da cidade, os homens e jovens de uniforme são imagens que fazem parte de todo um organismo sem fundamento, mas cuja harmonia é garantida através da imagem que Hitler transmite. Através do trabalho de câmara e edição, Leni Riefenstahl conseguiu transmitir em *Triunfo da Vontade* uma conotação emotiva e empolgante através de um espetáculo

fascinante de paz, beleza, equilíbrio e fraternidade.

Em *Olympia* surge a fusão do antigo e do moderno tendo como ponto fulcral o desporto e o desenvolvimento industrial e o crescimento de cidades. Todo o movimento olímpico tinha como objetivo - fundamentalmente social e político - de melhorar as qualidades físicas dos cidadãos (culto do corpo) e deslocar os conflitos políticos entre nações para um campo mais neutro, isto antes do início do III Reich. Mais do que uma competição entre nações, o documentário *Olympia* destaca a supremacia do melhor e do mais forte em que somente aqueles com determinada raça ou aptidão física seriam dignos de pertencer ao Olimpo da mesma forma que só a raça ariana poderia pertencer ao regime nazi e a uma Nova Alemanha.

Tanto no *Triunfo da Vontade* como em *Olympia* mostram o apurado domínio da camera e das montagens que representam o “belo”.

Riefenstahl procurou sempre um ideal estético, ignorando as contradições da realidade que ela própria filmava, contruindo um mundo que se forma a partir de uma exigência ditatorial de beleza: “O propagandístico, na obra de Leni, é inseparável da sua própria natureza compulsivamente perfeita (...). A imagem de Leni Riefenstahl já é em si, a sua própria propaganda: ela vende-se pelas suas qualidades inerentes.” (Kurtz, 2000, p.157).

5.5 Olympia e Triunfo da Vontade

Olympia (1938) e *Triunfo da Vontade* (1934) são as duas obras mais conhecidas e meducas da cineasta Leni Riefenstahl. Estas duas obras são apontadas como a ilustração daquilo que foi o movimento nazi e a ideologia de Hitler sobre o desporto, o culto do corpo e a superioridade da raça. Serviam para contar a “história” do futuro da Alemanha, omitindo o movimento bélico e ressentido através da projeção de imagens de eventos partidários, recorrendo ao uso de histórias esteticamente manipuladas dando a entender um ponto de vista mais agradável. Um resultado como este não poderia ser obtido apenas por alguém que esteve comprometido com o partido, mas que tivesse também as competências necessárias para conseguir apresentar tais ideais por meio de histórias de redenção, superação, sofrimento e felicidade.

5.5.1 Olympia

De acordo com Leni Riefenstahl, *Olympia* não foi utilizado como uma manobra psicológica formada pelos nazis com o objetivo de conquistar os corações e mentes do povo alemão e dos estrangeiros para transmitir a imagem de uma Alemanha pacífica e feliz. Mas, isto não significa que não esteja latente uma forma de propaganda.

Em *Olympia*, vemos presente a relação estabelecida pelos nazis entre a raça e a formação do corpo e alma dos mais jovens, são transmitidas imagens repletas de corpos, músculos, expressões faciais que revelam o esforço físico e a consagração dos que superam os limites humanos – a “pureza da raça” adquire uma importância central na política do governo.

Esta política de “purificação e preservação” da raça recaiu sobre as mentes dos mais jovens, sendo as escolas e instituições as principais “fontes” de manipulação das crianças. Nestes locais, temas como “o teu corpo pertence à nação” e o dever de estar em boa saúde eram recorrentes, incitando assim a que as crianças obtivessem o sentimento de competição e resistência mais marcados/vincados.

Os nazis valorizavam e admiravam a organização da juventude fascista italiana, influenciada pelo desporto e pela marcha, movimentos que simbolizavam a força do fascismo. Apesar de os nazis valorizarem os métodos fascistas, a escultura de corpos nus assumiu um carácter metafórico de transparência do carácter ariano numa espécie de glorificação do paganismo mítico sem obstáculos culturais ou religiosos, proporcionando de modo eficaz, a mensagem de eugenia cara ao nazismo, acrescentando a isto a forte crença de Hitler na proximidade entre as origens germânicas e dóricas e nas semelhanças encontradas entre uma e outra. A Alemanha encontrou no desporto uma forma de implementar as suas principais divisões – sangue, solo e pureza racial – graças ao seu fértil terreno simbólico, em certa medida influenciado pelo ideal grego encontrado na arquitetura e nas artes por eles desenvolvidas – fresco e saudável – tal como os corpos dos jovens alemães (figura 5) que praticavam desporto.

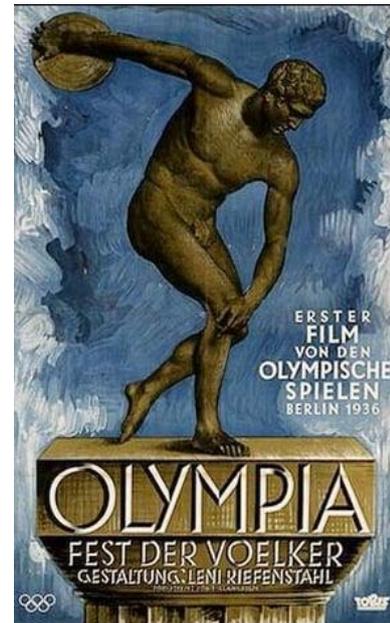


Figura 4 Cartaz de apresentação do filme Olympia

Olympia pode ser considerado com um filme que apresenta as formas de comportamento aceitáveis, isto é, um comportamento esperado pelo nazismo, como o espírito de disciplina, camaradagem e heroísmo e como uma celebração eloquente dos vários temas da *Weltanschauung* nazi, a “força pela alegria” e a idealização do corpo ariano.

Ao analisarmos o trabalho cinematográfico de Leni Riefenstahl, observamos que os atletas alemães aparecem com o mesmo destaque que os atletas norte-americanos e os atletas japoneses. A ideia de superação e desempenho em *Olympia* é representada

pelo atleta como um indivíduo no singular e não como um grupo, representado por um público que aparece tanto na parte obscurecida da imagem como num contexto ficcional. O corpo dos atletas representados no filme parece pertencer à nação. O melhor atleta, o mais bem representado e o mais forte não representa a nação, mas sim a juventude hitleriana como um corpo capaz e determinado, sadio e natural – considerado como uma espécie de metáfora que caracteriza a evolução de soldados e militantes.

Olympia, uma obra que caracteriza os Jogos Olímpicos de 1936, é mais do que um filme que caracteriza a supremacia racial. É uma obra que retrata um certo padrão de comportamentos relacionados com a beleza e o culto do corpo que se materializa na imagem dos corpos musculados. Este padrão representa o sofrimento, a leveza e os movimentos ritmados captados em diferentes planos de ação. É uma obra que na sua síntese pretende representar uma imagem perfeita daquilo que é o povo alemão. A forma como as imagens estão organizadas em *Olympia* fazem questionar o sentido das mesmas. A imagem, o som, a posição da câmara, os gestos estão organizados segundo uma linha temporal não natural, mas sim historicamente construída como o sentido de projetar a apoteose daqueles que superaram as dificuldades e triunfaram. Para além de ser um filme que retrata o nazismo e os seus principais temas, pode ser também visto como um filme baseado na imagem do corpo ideal onde a beleza está associada ao movimento. Apesar de também serem filmadas as falhas cometidas pelos atletas, a ideia



Figura 5 Jovens alemães no pódio dos Jogos Olímpicos de 1936.

da beleza e da harmonia acaba sempre por se sobrepôr e a imagem do corpo perfeito mantém-se preservada.

5.5.2 Triunfo da Vontade

O *Triunfo da Vontade* é um dos filmes mais conhecidos de Leni Riefenstahl. Apesar de todas as controvérsias criadas em relação à obra, Riefenstahl refere que o seu filme é apenas um documentário que mostra tudo aquilo que toda a gente ouviu e testemunhou. As cenas filmadas desde o início transportam-nos para uma Alemanha carregada de simbolismo.

Nuremberga aparece envolta em nuvens com os seus castelos e torres de outras épocas. A filmagem das nuvens dá-nos a sensação de voar e logo surge a imagem de um avião com as insígnias do



Figura 6 O Triunfo da Vontade, 1934

logo surge a imagem de um avião com as insígnias do poder. Do céu somos transportados para o solo onde surge a velha cidade de Nuremberga com quase mil anos, carregada de uma forte simbologia para o próprio partido Nazi. É na cidade de Nuremberga que ocorrem os congressos do Partido Nacional Socialista muito antes de Hitler chegar ao poder.

O jogo de sombras e de luz nas cenas iniciais do documentário identificam importantes mitos: o formato do avião lembra a sombra de um grande pássaro remetendo os alemães à imagem da águia que era o símbolo do Império Romano e que representa diferentes culturas, o Ser Divino que pode voar junto ao sol e que agora surge junto à cruz suástica do nazismo. A sombra do avião remete para a



Figura 7 Águia sobre a suástica, considerada como um símbolo de poder divino.

ideia de que existe um só líder, Hitler, voando sobre os comuns mortais – visto como um Deus. A águia é associada ao poder divino no mundo contemporâneo, um inconsciente

coletivo que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade. A águia é um símbolo muito utilizado desde a Antiguidade, é considerado um símbolo de força e de beleza que circula entre o céu (onde se encontram os deuses) e a terra que na pré-história conquistou o homem primitivo, foi mantida durante reinos e impérios nas mais diversas culturas.

No filme, sobrepondo-se à imagem divina representada pela águia Hitler saúda os seus seguidores, caracterizando-se como um símbolo cultural trazido da Antiguidade e continua vivo na memória dos alemães. As asas abertas do avião que projetam a sombra de uma cruz simbolizam o sofrimento e o martírio, mas também uma vitória da vida



Figura 8 Hitler saúda os seus seguidores.

sobre a morte – analogia relacionada com a vida de Cristo. Leni Riefenstahl soube caracterizar bem este lado divino através do audiovisual – a águia dos pagãos tal como a cruz dos cristãos que eleva um ser divino que enviou o Messias (representado por Hitler) que acaba com o sofrimento do povo e com a vergonha da derrota da Primeira Guerra Mundial, com a divisão dos partidos, a crise económica e o desemprego, o caos social e o medo do avanço vermelho sobre a Alemanha. A águia nunca é representada sozinha. Esta voa até ao símbolo maior da divindade, o sol, segurando os seus pés na suástica como representação ancestral do mito solar, uma força divina que irradia a vida sobre o universo.

Após estas imagens somos transportados para a imagem daqueles que esperam ansiosamente por Hitler, um povo de face alegre, rosto feliz e claramente excitado com a aproximação do seu líder, uma plateia escolhida a dedo composta por homens, mulheres e crianças que saúda com o braço erguido e o grito de *Heil!* que remete à civilização romana que saudava os seus césores quando apareciam em público. *Heil!* tem um significado religioso, e, portanto, é assim que o Messias deve ser saudado. Ovacionado pelos que o veem e acenam, Hitler é transportado no seu carro aberto, filmado em vários e diferentes ângulos possíveis dirigindo assim todas as atenções para ele.

Aclamado pela eufórica multidão o carro de Hitler pára e este aborda uma mãe

com uma criança ao colo que oferece um bouquet de flores a Hitler. Profundamente agradecidas pelo gesto carinhoso do Homem mais poderoso da Alemanha sorriem e fazem uma saudação nazi – esta imagem estabelece um padrão que pautará todos os políticos dos anos 30, um gesto afetivo immortalizado pelo pai do povo com os seus filhos mais frágeis, as crianças. É um pensamento dominante de alguém que se preocupa com as crianças e com o futuro do povo e de um país inteiro. O carinho pelo seu povo, tal como de um pai para um filho, remete para o sacrifício de Hitler, que nunca teve filhos e que transporta todo esse carinho para o seu povo.

As imagens procuram neutralizar os anos de sofrimentos passados. A noite cai em Nuremberga e as formações nazis desfilam pelas ruas da cidade com tochas e cânticos militares para toda a cidade. O fogo das tochas que brilha à noite remete para uma simbologia germânica/escandinava/viking. O fogo tem um poder destruidor, mas é também um construtor de civilizações, representa o poder dos deuses pagãos como Odin e Thor, aquece o alimento, ajuda a forjar a arma, clareia a noite e ajuda a afastar o inimigo e os predadores.

No decorrer do documentário e já no segundo dia, surgem as imagens do amanhecer sobre Nuremberga com a motivação de um gigantesco acampamento de militantes, jovens que mostram o seu corpo esculpido (culto do corpo) que reforça o ideal nazi de saúde e beleza, e uma superioridade da raça ariana – os destinados a liderar a reconstrução de uma Europa branca livre de judeus, ciganos, eslavos e raças consideradas inferiores. Um acampamento formado por jovens saudáveis e felizes que se exercitam nas suas tarefas básicas, o companheirismo e uma disputa saudável em torno do transporte de madeira para acender o fogo dos caldeirões que os alimentam – trabalho em conjunto pelo bem comum sem dar espaço para individualismos.

Segue-se um desfile quase que carnavalesco com milhares de pessoas vindas da cidade do campo para mais uma vez homenagearem



Figura 9 Hitler recebe oferendas dos camponeses

Hitler. No meio das saudações com o braço direito, os camponeses apresentam a Hitler

os frutos da colheita que representam as tradições pagãs ligadas aos ciclos do planeta. A terra oferece o sustento àqueles que a fertilizam, os deuses cuidam das estações, da chuva e do sol, para ajudarem à fertilização da mesma.

Depois de ser saudado pelas ruas de Nuremberga, Hitler encontra-se com o exército, formado pelos trabalhadores da Frente de Trabalho Alemã, que vestem uniforme militar com a suástica cravada no ombro. Dá-se início à abertura do congresso. Aparece de novo a águia iluminada de asas abertas sobre a suástica no palácio onde estão presentes os diplomatas dos países aliados da Alemanha, os representantes do partido, as forças armadas e as principais igrejas alemãs. Tem início o discurso de Rudolf Hess, o braço direito de Hitler, seguido dos restantes representantes do partido, com discursos intercalados por aplausos e ovações, culminando com uma saudação a Hitler em homenagem a uma nova Alemanha.

Hitler precisava de mostrar à Alemanha e ao mundo o seu poder, e para provar isso tornou o Congresso do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães uma experiência inesquecível que apresentaria os ideais nazis ao mundo.

6. Conclusão

A realização desta dissertação, *Sonhos Imperialistas – Reflexão Sobre a Cultura e Mitologia Nazis*, permitiu-me entender que o imaginário vai muito mais para além da realidade e como tal influencia muito os sonhos do homem e da humanidade. Hitler, tal como outros líderes, sonhava em ter o poder nas suas mãos e liderar um povo com base nas suas ideologias formadas pelo interesse mítico da filosofia e da política. O mundo mítico foi o conteúdo base que inspirou esta dissertação. O compreender as atitudes boas e menos boas de um líder baseado nas fontes que o levaram a ter tais ideais torna a visão do mundo político e em geral muito mais intrigante e complexa. Sabendo que na atualidade ainda existem tais ideologias, é considerar que ainda hoje, passado quase um século, o errado ainda parecer ser o certo, o que podemos considerar ainda ser uma ameaça à humanidade.

A liberdade está em consonância com o pensamento esclarecedor, no caso nazi houve uma regressão à mitologia. O totalitarismo associado ao mito comporta-se tal com um ditador perante os seres: conhece-os na medida em que consegue manipulá-los. As obras de Leni Riefenstahl revelaram muito esta manipulação através das imagens. A beleza e a harmonia que estetizavam o III Reich fascinavam o povo comum que sonhava viver momentos sensíveis evasivos e ao mesmo tempo uma serenidade intensa.

A historiografia ainda hoje discute acerca do carácter premeditado de tal ato criminoso associado à responsabilidade de Hitler e à população alemã, que também contribuiu para a devastação de milhar de vidas, uma maioria silenciosa que ignorava todas as humilhações públicas em relação às consideradas raças inferiores. É difícil explicar ou compreender tais ações aceites por milhões de pessoas cegas por um fanatismo que tinha tudo para dar errado.

O regime nazi, apesar de ter favorecido muitos alemães, foi como uma espécie de veneno para as várias etnias consideradas inferiores em relação à pura raça ariana. Todos os acontecimentos passados devem servir como exemplo para acontecimentos futuros, não que possam ser novamente executados da mesma forma, mas adaptados à nova sociedade em que vivemos. O que é certo é que o racismo vivido na época nazi não desapareceu em nenhum país do mundo. Ainda há muito trabalho por fazer para que o mundo reconheça a igualdade, a fraternidade e a liberdade.

Foi um projeto de investigação com estudo minucioso focado principalmente na mitologia nazi, projeto esse que envolveu diversos tipos de pesquisas não só baseadas no mundo da internet como também me levou a adquirir interessantes obras literárias, algumas delas difíceis de encontrar devido à escassez das mesmas. Alguns temas exigiram uma pesquisa mais pormenorizada, pois as diferenças existentes nas diversas fontes pesquisadas sobre o mesmo tema mostram que ainda há muita manipulação de informação, o que me levou a querer saber mais sobre o tema apresentado, tendo como objetivo pessoal continuar este projeto de investigação num futuro doutoramento, na Universidade do Minho.

Anexos

Anexo 1. Rbdomancia

Também conhecida por Radiestesia. Caracteriza-se pela sensibilidade do rbdomante a determinadas energias emitidas pelos seres vivos ou pela natureza e também por radiações. Trata-se de uma pseudociência onde os seus defensores acreditam possuir a capacidade de captar radiações através de diferentes objetos como bastões ou pêndulos que permitiam encontrar objetos perdidos, corpos enterrados, etc.

Anexo 2. Astrologia

Pseudociência que se baseia nas posições relativas dos corpos celestes que podem determinar a personalidade e as relações humanas, entre outros tantos assuntos relacionados com a vida humana. é utilizada como um oraculo e uma das teorias em qual a astrologia se baseia é a sincronicidade.

Anexo 3. Magnetismo

Considerado como uma força natural invisível possuída por todos ps seres vivos com propriedades curativas e efeitos físicos.

Anexo 4. Meditação oculta

A meditação oculta tem como principal objetivo o contro dos pensamentos e da personalidade, o controlo da vontade, do sentimento, etc., através de específicos exercícos mentais. Prática ancestral com origem nos países orientais.

Anexo 5. Cosmologia

Na antiguidade era usada como uma pseudociência. Os povos primitivos utilizavam-na em manifestações de arte rupestre. Em muitas civilizações antigas existiam crenças relacionadas com a posição do sol nascia ao amanhecer para morrer ao anoitecer e que os corpos celestes eram regidos pelas leis naturais, na esfericidade da Terra e na harmonia dos mundos.

Anexo 6. Geomancia

Método de adivinhação através da interpretação de marcas no chão ou padrões formados no solo, pedras ou areia. Trata-se de uma magia renascentista, tendo sido classificada como uma das sete artes proibidas.

Bibliografia

- Arendt, H. (1979). *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bach, S. (2007). *Leni, A Vida e Obra de Leni Riefenstahl*. Lisboa: Casa das Letras.
- Beck, R. et al. (2019). A ascensão do Terceiro Reich. *Super Interessante*. Nº7, julho.
- Beck, R. et al. (2019). Dentro do Reich. *Super Interessante*. Nº9, setembro.
- Hawes, J. (2019). *A Mais Breve História Da Alemanha*. Lisboa: D. Quixote.
- Hitler, A. (2005). *Mein Kampf*. São Paulo: Centauro Editora.
- Kurtz, A. (1997). *A Teoria e o Cinema de Propaganda Totalitária: convergências entre o Nazi-fascismo e a Indústria Cultural (e algumas palavras sobre Riefenstahl e o pós-moderno)*. Porto Alegre: UFRGS.
- Kurtz, A. (2000). *Três receitas para um cinema anti-semita*. Porto Alegre: Sulina.
- Labarthe, P. 2011. *El Mito Nazi*. Barcelona, Anthropos.
- Marabini, J. 1987. *A Vida Quotidiana em Berlim no Tempo de Hitler*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Opitz, Alfred (Coord.). 1998. *Sociedade e Cultura Alemãs*, Lisboa: Universidade Aberta, 1998.
- Penafria, M. (1999). *O filme documentário – história, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos.
- Pennick, N. 1988. *As Ciências Secretas de Hitler*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereira, W. (1954). *O Império das Imagens de Hitler*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Porlan, A. (2019). Entre Guerras 1919 – 1939: Duas Décadas Prodigiosas. *Super Interessante*. História. Nº 51, Novembro.
- Rosenberg A. (2017). *Myth of the 20th Century*. Black Kite Publishing.
- Sironneau, Jean-Pierre. (1982). *Sécularisation et Religions Politiques*. La Haye: Mouton Éditeur.
- Teixeira, K. (2010). *Seduções da ordem: propaganda e estatuto fílmico nos documentários Triunfo da Vontade e Olympia, de Leni Riefenstahl*. Ceará: Universidade Federal do Ceará.

Filmografia

Olympia. Leni Riefenstahl. Alemanha. 1936. 121 minutos.

Triunfo da Vontade. Leni Riefenstahl. Nuremberg. 1935. 114 minutos.

Sites consultados

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/leni-riefenstahl>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Hugenberg
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Astrologia>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Cosmologia#Modelos_cosmol%C3%B3gicos_Alternativos
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Geomancia>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Blavatsky
https://pt.wikipedia.org/wiki/Magnetismo_animal
https://pt.wikipedia.org/wiki/Misticismo_nazi
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordo_Templi_Orientis
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Radiestesia>
<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/Meditacao-exercicios-colaterais.html>
<https://www.minhavidade.com.br/bem-estar/tudo-sobre/1042-meditacao>
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/PXsYDWbDZWQytmGN3rXLphd/?lang=pt>
<https://abcine.org.br/site/o-mito-em-o-triunfo-da-vontade/>
<https://observador.pt/2016/08/11/berlim-1936-os-jogos-que-anteciparam-a-guerra/>
[https://en.wikipedia.org/wiki/Olympia_\(1938_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Olympia_(1938_film))